

brisa paim

a morte de paula d.



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Este livro não está mal formato, apenas se tentou seguir ao máximo a formatação e estilo do original. Espero que gostem deste "aperitivo" e ajudem a autora comprando seu livro!

[Comprar o livro Físico.](#)

[Fazer parte do Fan page do livro !!!](#)

[Seguir pelo Twitter](#)

O fazer literário, por solitário que pareça (e é), traz em seus subterrâneos (haja ou não a consciência disso) uma ou mais vozes dialogando com a daquele que escreve. Escrever é inscrever-se numa sala ou noutra cômodo do que chamamos aqui a casa literária (perdão pelo piegas da imagem!). Digo sala ou outro cômodo porque nem sempre é confortável instalar-se; nem sempre há um deitar-se em sofás ou almofadas - por vezes, é de vãos sob escadas ou de sob mesas ou do lado de latrinas que sai o verbo. Mas seja consolo o encontrar uma outra voz, contemporânea ou não, dizendo temas e modos afins. Que na casa não se está só - sirva isso de algum afago. Ao lermos um texto literário, é possível, por vezes, percebermos as vozes que sussurram ou gritam ao lado daquela sobre que nos debruçamos, porque escrever é terminar por fazer parte de alguma tradição, mesmo que se faça algo novo. E a leitura de **a morte de paula d.** dá-nos ouvir umas vozes que ecoam no cômodo - um sem sofás ou outros aparatos de conforto. Podem-se perceber as vozes de Hilda Hilst, Samuel Beckett e outros mais, se apuramos nosso sentido. Uns que de seu desconforto dão-nos um mundo esgarçado, de linguagem esfacelada como a realidade que nos oferecem. Uma linguagem de humor dóido e feroz; contemporânea e de extrema acuidade; de modos próprios dizendo a perene angústia. Com a morte de paula d., há a entrada na casa e o nascimento de brisa p. - e isso não é algo pouco. É nada pouco.

NILTON RESENDE

escritor, ator e pesquisador

em Literatura pelo UFAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS



Reitora Ana Dayse Rezende Dorea

Vice-reitor Eurico de Barros Lôbo Filho

Diretora da Edufal

Sheila Diab Maluf

Conselho Editorial Edufal

Sheila Diab Maluf (Presidente) Cícero Péricles de Oliveira Carvalho

Elton Casado Fireman

Roberto Sarmento Lima

Iracilda Maria de Moura Lima

Lindemberg Medeiros de Araújo

Leonardo Bittencourt

Eurico Eduardo Pinto de Lemos

Antonio de Pádua Cavalcante

Cristiane Cyrino Estevão Oliveira

Diretora da FALE

Ildney Cavalcanti

Vice-diretora

Stela Lameiras

Comissão Organizadora

Prêmio LEGO

Glaúcia Machado (Coordenadora)

Carlos Bonfim

Roberto Sarmento

Susana Souto

Vinicius Meira

Comissão julgadora

- . Conto Adriana Araújo Maria Esther Maciel
- . Poesia Marcelo Dolabela Ricardo Aleixo
- . Romance Constância Duarte Susana Bornéo Funck
- . Teatro Arnaldo Franco Júnior Simone Cintra

Projeto Gráfico e ilustração capa: Brisa Paim e Lis Paim

Design capa e diagramação: Lis Paim

Revisão: Brisa Paim

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de tratamento técnico
Bibliotecária responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

P144m Paim, Brisa, 1982

a morte de paula d. / Brisa Paim. - Maceió : EDUFAL,
2009.

111p. ; 21cm. - (Prêmio Lego)

1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.
(Prêmio Lego)

CDU: 869.0(81)-31

Direitos desta edição reservados à

Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas Campus A.C
Simões, BR 104, Km 97,6 - Fone/Fax: (82) 3214.1111 Tabuleiro do
Martins - CEP: 57.072-970 - Maceió - Alagoas E-mail:

edufal@edufal.ufal.br - Site: www.edufal.ufal.br

Editora afiliada:



a morte de paula d.

Brisa Paim

Romance

1ª edição

Maceió, Alagoas
2009



*Se alguém cavar um buraco no solo de uma casa, deverá diante
desse buraco ser morto e sepultado.*

tradução livre de dispositivo do *Código de Hamurábi* (aprox.
1.700 a C.).

MAIS MAIS QUE ROTUNDO. coisa esférica cheia mormaço-aninhado-vicioso. ai ai ai. estariam os três arranhados imundos nos braços do pai chorando como gaitas ou apitos desafinados e o pai diria não sei o que houve com ela estava esquisita hoje cedo falando coisas sem nexos mandei tomar uns remédios comprimidos se acalmar mas coitada.

não tenho eu sei as manobras de uma dançarina colorida.
mas agora que me caibo.

ele diria sim ela não se acalmou coitada não foi capaz estava realmente fraca e não foi capaz. sequer comprou o vestido tão bonito. sequer comprou. quando encontrei estava deplorável sim num estado péssimo a coitada DESPENCANDO-SE (!) – os meninos e seus olhos lacrimantes molhadinhos, roupinhas multicores abarrotadas

e faria com certeza segredo absoluto dos seus lustrosos estalados tapinhas e do meu vomitozinho em sua boca.

mas agora que me caibo.

faria segredo absoluto ainda de outras tantas coisas porque para ele mesmo o segredo ainda é mais-quesegredo. shhhhh. não não não. não lhe falaremos nada ainda – eu e você que ao contrário é dentro de

mim – não lhe falaremos nada nada nada sobre as suas preciosas verdades. sobre a boa dúzia de fitas vermelhas que tem na cabeça. nada sobre aquela bonita oportunidade a bela ocasião em que ele decidiu, virou pra mim – sério muito muito muito sério compenetrando-se todo como um pavão - e ham ham vamos educar nossos filhos e eu disse mas educar os nossos filhos como ele respondeu vamos

dar a nossos filhos a tal da educação ortodoxa e como é isso de educação ortodoxa isso eu não sei, mas sei que é o que devemos dar a eles porque eles são nossos filhos e nós os seus pais. e isso de educação ortodoxa é bom também não sei, mas foi o que disse o 8 ministério que ministério o da educação, é claro, e qual seria por acaso a não ser este sei lá, poderia ser qualquer outro ministério, na minha cabeça as coisas todas vão se confundindo se confundindo até formarem um bolo só, um bolo insolúvel. do jeito que você fala até parece que é burra até parece que não é nada ninguém. – daí eu comecei a respirar devagarzinho devagarzinho meio não me cabendo - burra e ninguém eu não sou mas com certeza não sei muita coisa. isso todo mundo tá vendo. isso o quê? que você não sabe muita coisa. ah. – devagarzinho devagarzinho - mas eu não sei algumas coisas e sei outras, outras até sei muito bem. porque as aprendeu na escola. não, porque as aprendi na vida. e que vida? na minha, na sua, na vida vida. ah. – o pavãozinho começava a encolher as penas - na vida eu não aprendi não, mas aprendi na escola. e o que você aprendeu na escola? muita coisa. que coisa? ah. muita coisa. exemplo? ah. . . .

daí ele ficou quieto um pouco, só suspirando. suspirando. suspirando.

depois começou a falar de novo no tal modelo novo de educação, essa ortodoxa, deve ser modelo novo porque eu nunca tinha ouvido falar nesse nome. dar a nossos filhos uma educação ortodoxa é necessário, extremamente necessário. E necessário por quê? porque eles assim vão aprendendo valores. que valores? todos os valores, morais, principalmente. e cristãos? cristãos também, principalmente. ah. aprendem também as matérias básicas, você sabe, aquelas que você mesma viu na escola. ah. não sei, não lembro mais. e quando você esqueceu? esqueci sempre. não pode,

não tem como, um dia você deve ter se lembrado. e quando será que foi esse dia? na certa no primeiro dia, quando você ouviu a primeira vez. e depois quando estudou para as provas. e depois quando estudou para os trabalhos. ah isso eu não sei só sei que esqueci sempre.

(mas isso de ensinar às crianças os valores é bom, muito bom, pensei eu)

e será que esses valores que vão dar às crianças são valores confiáveis como assim confiáveis você sabe, valores ensinados por bons professores. iguais àqueles que eu e você tínhamos na escola é, iguais àqueles. e valores também como aqueles sim, como aqueles, só que um pouco mais ortodoxos. sei. o importante é que lhes dêem todos os valores, sem falta, todos os que nós seus pais não damos nem daremos. inclusive essas coisas de religião. mas a gente dá isso a eles. sim, damos, mas só alguma parte. e que parte é essa a parte que está na bíblia

menos os apócrifos

sim, menos os apócrifos. os padres parecem não gostar muito dos apócrifos. será que deus gosta dos apócrifos não sei. não sabe o quê? do que deus gosta. acho que deus gosta do padre. é do padre com certeza deus gosta. – ficamos então meio confusos - será que as crianças gostam? de que do padre? de deus. não sei. as crianças gostam de boneca, de carro, de sorvete. e de deus porque dissemos a eles. dissemos o quê? para rezarem. todos os dias. na hora de dormir e na hora de acordar. ah.

(nessa hora eu pensei que às vezes no meio da reza eu me perco ou durmo ou então esqueço uma parte e aí vou pulando os pedaços. às vezes também eu finjo que estou rezando porque

realmente não estou a fim de rezar nessa hora mas meu marido gosta e deus gosta e o juiz gosta e o padre gosta. então eu junto as mãos e ajoelho ao pé da cama e baixo a cabeça e vou balbuciando umas palavras sem sentido só pra fazer algum som um som de concentração. e às vezes também eu vou rezando e pensando que estou é com um comichão danado mas primeiro preciso terminar a reza e nessas horas me dá um pouco de raiva de alguma coisa que eu não sei. então eu vou murmurando bruubaaahrrrrrrrrrrrr... amém... brhgferrrrr... amém. quando dá o tempo fico muda faço sinal da cruz e vou deitar e então cutuco o meu marido mas ele já dormiu. deve ser porque trabalhou muito ou então porque ficou muito tempo sendo um marido. ou rezando. e ademais os homens não gostam mesmo quando a gente é que chama porque assim se pensam menos machos eles preferem mesmo é fingir que o comichão é deles)

nessa educação ortodoxa vão falar a nossos filhos sobre aquilo? não, a educação ortodoxa não admite que se mencione aquilo, deve ser até por isso que é assim ortodoxa. e se eles tiverem dúvidas, quem é que lhes vai responder aí a gente vai ter que falar com eles quando algum dia ai meu deus será que vai demorar muito tenho que me preparar não posso ir dizendo a verdade assim tão crua que verdade?

ora, as coisas nojentas que as pessoas fazem e por que fazem ah. isso aí você não diz, diz somente que não é a cegonha, que é uma coisa mais científica. e pura. e pura, sempre pura. tipo beterrabas. meu pai me falou em beterrabas. o meu em pepinos. tem uns que falam em repolhos. um dia eu apareci prenhe. é, um dia você apareceu prenhe. como era grande a sua barriga, e você tão pequena. depois nasceu um menino depois o outro. é. primeiro você abre as pernas e é só delícia, depois você tem que

abrir de novo e mais e mais e mais porque lá vem o filho saindo. o filho não acaba de sair nunca quando é grande e tem cabeça e ombro grande. é. outro dia acho que vi a mariazinha lá atrás com aquele menino que menino o ruivo. fazendo o quê não vi direito mas acho que ele tava pegando nela dentro das calcinhas dela. mas ela é pequena é, é pequena. e ele tava mexendo? o quê? a mão. qual mão? a mão que estava dentro das calcinhas dela. ah. estava mexendo o braço. o braço guiava a mão. é o braço guiava a mão. só não guiava a moral. que moral. a moral de mariazinha. mas mariazinha tem só oito anos, não tem moral. mas tem muita safadeza tem periquita também. e o ruivo? que tem o ruivo? o ruivo tem o quê? mãos.

só mãos?

e natureza.

(talvez seja mesmo melhor essa educação ortodoxa de valores.)

mas sabe eu às vezes penso que pode ser melhor deixar os filhos um pouco analfabetos porque eles podem ver o mundo sem as palavras-capa

e daí

sem as palavras-capa é mais cheio

e daí

mais cheio é melhor

e daí

ah.

.

pra que um mundo sem palavras-capa

pra eles poderem dar às coisas os seus próprios nomes

ah.

...

talvez eles não formassem na cabeça o bolo insolúvel

é talvez

talvez a palavra fosse mais o mundo e o mundo fosse menos a
palavra

é talvez

às vezes o bolo imenso trava na minha garganta como se quisesse
ser um som muito alto

ah.

então eu tento gritar e não consigo

a..

talvez eu esteja cheia de palavras no lugar que devia
ser na minha garganta o som

é talvez

.

.

uma vez eu senti um certo amor pela palavra

e quando foi

foi quando a palavra saiu pulando de minha boca. achei que era tosse, mas era a palavra.

e se eles não quiserem não quiserem o quê ir à escola. então a gente obriga. é deve ser o certo é o certo. é que eles são nossos filhos e nós os seus pais. é. você sabe que antes tinha o poder do pai o pátrio poder hoje tem o poder maior que é o poder da família e qual a diferença antes o pai era o pai e hoje o pai é a família. ah. mas que é que isso tem a ver tem a ver que é por conta desse poder que a gente pode obrigar obrigar a quê a ir à escola a comer a tomar banho a vestir as roupas e não andar nu por aí exposto à maledicência. ah. então é por causa do poder que a gente obriga é. ainda bem, pensava que era por causa da gente mesmo. mas a gente é o poder. eles são nossos filhos e nós os seus pais, isso nos dá uns direitos certos sobre eles direitos inquestionáveis. tipo o de mandar a menina fechar as pernas quando senta é esse também. e o de ir dizendo desde agora a temer a tudo a temer os homens e as idéias dos homens e a não se deixar levar e a não ceder nunca nunca em hipótese alguma é esse também. e o de ensinar a menina a brincar com as bonecas dela e o menino a ganhar a rua. é esse também, não ficaria bem se fosse a menina ganhando a rua e o menino bonecas. e por quê porque me disseram. você também não tinha às vezes umas vontades estranhas vontade de bonecas às vezes. e o que você fazia eu não fazia nada eu achava que eu era um pouco efeminado mas achava isso porque era criança e criança é pouco sã tem umas viagens. ah. eu não sou efeminado.

não não é. não sou mesmo. é não é. definitivamente. hunrum. – o pequeno pássaro e suas penas - botei três filhos dentro de sua barriga. é botou. o xxxxxxxy o xxxxy e a mariazinha.

aquilo de brincar de bonecas era mesmo só uma vontade vontade de criança de fazer o que não pode

é devia ser.

às vezes eu brincava escondido e uma vez até roubei uma boneca de louça de uma vizinha guardava ela num baú que tinha no meu quarto um baú bem 1 6 grande de madeira e cadeado. hum. mas roubei só porque não podia e eu gostava de ousar de fazer o que era proibido porque criança não tem noção, gosta de enfrentamento. é. aí eu pegava ela pra brincar e não sabia o que fazer com as mãozinhas perninhas bracinhos boquinha vermelhinha que ela tinha. ela era meio gordinha sabe meio bojuda não dava pra andar não era boneca de andar. então eu ficava só olhando pra ela e achava que ela era mesmo muito bonita. e gostava muito. porque ela era rosadinha tinha umas pinturas no rosto também e vestia babados, babados finos finos e rendas rendas azuis e rosa. parecia não uma boneca e parecia o quê? camadas. como assim camadas. camadas partes pedaços como uma cebola que se enrola e é fina e é quase transparente o olho arde. eu sabia que por mais que quisesse não podia brincar com ela. porque te disseram. também. e por que mais porque mesmo que me deixassem brincar com ela eu não saberia eu não conseguiria. e doía? por favor me diz me diz se doía. não não doía mas eu sabia que tinha uma incapacidade uma incapacidade eterna e me sentia eu sei que vai parecer meio maluquice mas eu me sentia meio assim castrado. castrado por quê não sei.

então será isso meu deus será isso educação ortodoxa isso o quê. isso de um ir dizendo pro outro o que pode e o que não pode e o outro ir fazendo só o que pode e o que não pode fazer de vez em quando só um pouquinho escondido, mas um pouquinho de que se arrepende. não sei. vamos ter mesmo que dar isso a eles não podemos deixá-los os três fora da escola ou então só alfabetizá-los assim nós mesmos e depois ensinar umas contas e depois... ahn, depois não sei não não podemos

é e por que será isso né isso de não podermos

porque o mundo foi feito assim quem tem dinheiro se educa.

ortodoxamente sim ortodoxamente

eles devem também se especializar sempre se formar depois fazer uns cursos e se tornar mesmo muito bons e para isso só a ortodoxa porque se precisa de muita mas muita força mesmo hoje em dia muita muita inteligência em ramos importantes quanto mais inteligência você tem em ramos importantes mais dinheiro você ganha pois é o que o governo diz

mas veja bem você, nós dois por exemplo somos bem formados não somos somos. e também atuamos não atuamos, com nossos títulos, atuamos. o que você quer dizer com isso não sei

ah

acho que eu às vezes me sinto meio analfabeta eu também

e eu sei todas as palavras pelo menos as que usamos é sabe

ou no fundo eu não sei. ahn? nada não, deixa lá, vamos mudar logo esse assunto.

e logo era noite e nós dois estávamos deitados e rolava até uma vontade de mas não fizemos porque estávamos assim meio grogues meio sedados impedidos como dopados. eu lembrava da história do meu marido e pensava nele segurando uma boneca e eu pensava nele com ternura não sei por quê. e ele alisava os cachinhos da boneca e olhava bastante para ela e até ninava a boneca e nesse ponto pensei: estou louca. ele não deve ter ninado a boneca. mas era realmente uma foto bonita essa do marido e da bonequinha de louça. então me deixei pensar bastante nela até que a imagem foi embaçando embaçando e de repente eu abri os olhos num susto porque haviam quebrado a boneca em mil com um martelinho requintes de crueldade. e eu gritei. ou achei que, porque ele ao meu lado não se mexia. mas também não estava dormindo. e eu falei: você é mesmo infeliz

não sei um pouco.

pela boneca

não. então por quê não sei.

tem uma coisinha em mim que às vezes cresce e que eu não sei o que é. por isso acho que deve ser infelicidade

mas pode ser também outra coisa porque no seu caso

o quê

você não tem motivos. você tem tudo não é olha aí tudo o que sempre quis essas crianças que bonitas tão inteligentes tão

espertas e rosadas também robustas crescem cada dia mais

é eu tenho tudo menos uma coisa

o quê

motivos?

(daí estava muito grande o silêncio no quarto e parecia que nos ia engolir aquele silêncio como uma boca-de-lobo, então ligamos logo a televisão pra relaxar para ver um pouco a vida você sabe ver a solução das coisas todas as caras felizes)

engraçado hoje de manhã eu tava tomando café e fui vendo o jornal você sabe aquele da manhã onde os repórteres conversam muito bem informais é sei aquele com aqueles dois repórteres como é mesmo o nome deles não sei é eu também não mas o que tinha demais no jornal nada. ah. tinha uma reportagem muito boa mesmo era sobre o pretinho básico e olha só é igual a esta que tá passando agora e os pretinhos eram mesmo muito básicos e muito bonitos muito muito muito finos e olha só o quê. eles pegaram e botaram até uma doméstica que tinha muitos pretinhos básicos no guarda-roupa e mostraram nossa. é também fiquei impressionada porque vi que os pretinhos estão mesmo em voga estão mesmo a todo vapor e botaram um trecho daquele filme antigo que eu gosto com aquela atriz bem bonita qual era mesmo o nome dela já morreu não sei. era com A não sei. e no filme ela era uma bonequinha como a sua e usava um vestido nossa um vestido muito lindo e que devia ser também muito caro e feito pelos melhores estilistas da época e por que botaram esse filme não sei parece que desde que ela usou esse vestido muito lindo e fino e caro todo mundo passou a adorar o pretinho básico e até as domésticas pelo visto é até. e como era mesmo a reportagem ah eles botaram a doméstica e depois um cachorro quer dizer cadela que usava

também um vestidinho bem fofo e bem pretinho a dona comprou num pet shop. e a dona ah a dona também usava mas o dela não era tão bonito porque ela já estava meio enrugada sabe e gorda e aí era muito apertado e tinha umas dobras que ficavam despencando mas o jornal quer dizer a repórter chamava ela de fofinha e dizia que até as fofinhas ficam bem de pretinho básico desde que tenha o corte certo ah. e depois recomendaram a todas as mulheres do mundo – uni-vos – que adquirissem também logo o seu antes que sumissem das prateleiras porque seria o pretinho básico a nova moda do verão brasileiro e você, já comprou o seu,

não comprei mas vou comprar amanhã de manhã ah. depois da matéria os repórteres apresentadores sorriram muito e começaram de novo aquele negócio você sabe sei a conversa informal é muito informal mesmo ele impostava a voz sorria e dizia eu que não entendo muito bem disso que não entendo nada de moda também acho o pretinho básico muito elegante não é fulana e ela respondia é mesmo não sei quem as mulheres que são vaidosas e gostam de se cuidar concordam clap clap. e eles sorriram e tinham tão brancos dentifrícios e a roupa do homem era impecável devia ser um terno inglês muito muito fino e elegante e ele tinha também aquelas abotoaduras que você gosta e que custam caro. e os óculos dele combinavam muito mesmo com a cor do sofá, você sabe, eles se sentam em sofás tão displicentemente que até parecem borboletas falantes falantes borboletas muito finas e descontraídas e do tipo que se sentam em sofás elegantes e é tudo uma harmonia tão grande é tão bonito nossa como é bonito aquele telejornal e passando assim de manhã nossa que genial o horário tem uma mensagem de otimismo mesmo muito forte um otimismo realmente matinal e refrescante principalmente para as mulheres. – eu falava

rapidinho o peito eufórico e ele

você não tem sono

tenho e não tenho

você quer dormir

quero e não quero

ah

eu queria você sabe fazer aquilo sinto um princípio de uma
quentura sabe

não não sei o que é

nada.

ah

eu vou rezar é eu também

há há há há há há

que foi rindo assim tão tarde no meio da reza

é que eu pensei um negócio e achei engraçado isso que eu pensei

o quê

que talvez haja um problema com o mundo e que esse problema seja o seguinte: todo mundo falar eu queria em vez de eu quero

como é

todo mundo fala eu queria em vez de eu quero

assim: eu vou no telefone para pedir alguma coisa e eu falo eu queria falar com fulana ou eu queria fazer um pedido para o apartamento 201 ou então eu queria saber se eu queria eu queria eu queria eu queria eternamente eu queria mas na verdade eu quero

ah.

e foi engraçado quando eu pensei nisso agora

e por quê não vi graça vi só tempos verbais sempre tão irrelevantes

não não são irrelevantes

ocê fala eu queria mas todo mundo sabe que você quer então não tem diferença

tem.

.

o passado é o passado e o presente é o presente não devemos confundi-los

por quê

porque podem achar que na verdade você não quer,

você quis

..

e o passado a gente leva no sapato.

então é tudo assim, eu queria e eu quero

é.

nada mais.

Nada.

ou talvez.

mas eu vou continuar falando eu queria já me acostumei não vou conseguir mudar não não vou conseguir mudar

é eu também.

e ficamos os dois de novo calados. e parecia que de novo não suportávamos o silêncio porque talvez estivéssemos caindo bem fundo dentro dele. e de novo o silêncio era uma boca-de-lobo vai levar até onde essa boca-de-lobo até que profundidade que fundura. mas porque estávamos em silêncio eu não falava da fundura pra ele nem ele pra mim. e eu penso: talvez eu esteja louca.

talvez não haja profundidade fundura nenhuma porque o rosto dele ainda está quieto insone está tão plácido. talvez eu esteja louca

desde o momento em que vi o meu bonito marido com um martelinho esfarelado a linda bonequinha dele tão delicada nossa talvez eu seja cruel até mesmo uma assassina e talvez eu mesma tenha partido em mil aquela bonequinha tão mimosa.

então eu olhei pra cara dele do Sr. Marido e me espantei pensando nossa como pode alguém ter uma cara dessa de passado

que quanto passado que quanta idade há nessa cara nova

então fui eu mesma para o espelho e .

súbito eu só via morte olhava para aquele humano deitado para a cama parada para o quarto aqueles móveis mortos incontestáveis perenes selecionados, móveis sem assombro e prontidão

o Sr. Marido mais um de nossos belos móveis peça de fórmica pré-moldada

seus pais amigos parentes todos móveis imóveis

eu pura peça que sequer dorme - só pensa - neste

início de agonia

mas agonia de quê?

quem sabe já sou tentada por essa fundura já sinto essa lama há tempos e o que eu faço agora meu deus por que estou pensando tanto e tanta coisa e querendo puxar os outros pra minha lama: quero me segurar nalguma borda assumir o meu caminho de volta me esconde deus esse precipício esse buraco não vou pisar não vou cair nessa cova

você tá acordada ainda você já rezou

não sei esqueci acho que sim

ah.

e agora

agora nada o que você quer

eu queria

o quê

dormir

ah.

então as luzes foram apagadas e acho que foram apagadas para sempre, não sei por quê.

quando estou no escuro acontece de sempre pensar na vida em tudo esse breu me instiga me puxa pra dentro e começa a minha cabeça a virar redemoinho pois quando penso certos assuntos vem a insônia vem um pouco desespero um caos não posso não consigo fazer nada - ser impotente; de nada sou capaz além de girar além de ir – rodar - e às vezes de cansaço eu simplesmente durmo me pego dormindo e acordando depois como um ser humano redondo ser humano feliz

esqueço que à minha volta só defuntos defuntos céleres desembaraçados acordam e dormem todo dia fazem as demais

coisas todas aquelas coisinhas fisiológicas

porém ainda naquela condição invejável naquela condição pipocante de felicidade uma pontinha de mim pontinha rebelde está triste realmente triste e então eu não entendo como podem conviver assim lado a lado como duas irmãs xifópagas a tristeza e a felicidade

e mais ainda eu não entendo a tristeza nem por que ela me aparece quando eu não quero quando não tenho motivos quando tudo é tão bom mesmo com ausências de sono com alguns estresses problemas corriqueiros do dia-a-dia tudo é bom tenho casa marido filhos são felizes algum dinheiro no bolso sou bonita cidadã sim sou bonita cidadã de bem mereço respeito ando nos trilhos na verdade eu ajudo a manter os trilhos os trilhos da lei e os legítimo reverencio. e mesmo assim essa traição essa tristeza que me dá na cara um súbito sorriso amargo me dá também uns olhares de infinito que miram nenhum lugar e umas conversas esquisitas com meu marido tem me dado ainda umas ruguinhas que se projetam onde expressão alguma da face poderia alcançar se projetam em mim no mais fundo em meu cerne essas rugas me grudam me desafiam me questionam essas marcas me perguntam o quê

me põem em frente a alguma coisa que não sei nomear me tiram de prumo de rumo me marcam a cara como brasa e ferro me dizem que perdi. e eu penso: é, perdi.

talvez a insônia espere mais de mim do que um mero cansaço um sono banal de derrota de exaustão. e por alguma razão misteriosa eu sinto que estou certa ou pelo menos que estou no caminho

que caminho

mas que loucura que paranóia a minha que pensamentos idiotas tô ficando é idiota besta perdendo o senso a noção.

quem tem insônia quer dormir fechar os olhos descansar

mas descansar hoje eu não consigo tampouco fechar os olhos

nas luzes apagadas restou o escuro o breu absoluto sou só eu deitada aqui nesse negro que me parece uma boca-de-lobo um buraco grande buraco e o escuro fala. aqui é só eu sentindo muito muito fundo que estou caindo, sim a cama funda cama me vai engolindo engolindo engolindo.

será que eu posso pedir ajuda cutucá-lo acordá-lo ou alguma coisa

melhor não já que quando começo a falar e tento explicar já me sobe um bolo talvez seja um vômito esse insolúvel bolo pois o sinto sem saber onde vai dar esse mal-estar essa coisa esse nó. e eu não consigo dizer o que realmente quero para ele porque o que realmente quero na verdade eu não sei mas é um querer

sim, é um querer.

será isso será uma queda assim tão grande tão vertiginosa esse querer de me dar inclusive na barriga um friozinho de que será esse friozinho será de medo esse friozinho será pânico medo de querer de cair ai meu deus e eu já até rezei eu acho quer dizer não não rezei eu fiquei conversando e falando coisas que não sei bem. ai. e sempre eu falandopensando essas coisas de que não entendo são como palavras que me vêm à boca ou melhor à mente e que eu não

as posso agarrar mas bem que tento, fico pulando pulando pulando em busca delas e elas se vão sempre se vão.

me libertam me abandonam

essas palavras de linha fina

penso que se eu por acaso não tivesse pensado falado algumas coisas talvez dormisse, mas não sei por que penso isso. penso também que talvez eu cometesse algumas bem bem sacanagens com meu marido se eu não tivesse falado eu queria em vez de eu quero, e tivesse falado bem certo da minha vontadinha da quenturinha aqui nos baixios. talvez ele sentisse que o meu comichão era dele e então ele quisesse e talvez me deixasse um pouco cansada e talvez eu dormisse. ou não.

mas eu não poderia também falar de bem bem sacanagens com ele porque ele não iria gostar. não mesmo. ainda com nosso casamento moderno geração moderna nova e tal ainda assim eu vinte e poucos anos tive buquê contrato grinalda. ele o marido acharia que a mulher é puta puta ficaria desconfiado iria minguar a relação o casamento entraria em crise numa dessas crises bem modernas em que as pessoas de classe média chegam até o terapeuta que diria depois de nove anos que o que falta é o diálogo. então eu teria que dialogar com meu marido sobre essas coisas de sacanagens que penso e essas vontades de sacanagens que sinto essas coisas de puta puta. mas aí ele não iria gostar disso bem no meio dessa crise tão moderna e se iria fortalecer a crise. então esse fortalecimento de crise daria origem a uma nova crise que seria bem moderna mais moderna ainda porque seria tipo um problema irresolúvel uma patologia não curada pelo diálogo – isso o terapeuta nos diria depois de onze anos – e visto que o diálogo foi incapaz de resolver nossos problemas o terapeuta nos mandaria então morar em casas

separadas por um tempo mas não muito separadas e os filhos iriam entrar num regime de guarda compartilhada mas não iria ser um regime muito severo, ele diria, porque seria só um tempo para que as pessoas se reencontrassem na relação, atingissem aquele negócio de mútuo respeito e diálogo selecionado e tal e para isso só mesmo ficando separadas. por um tempo. e à noite meus comichões não passariam, pelo contrário seriam cada vez mais fortes mais imperativos e eu muito muito desesperada diria isso a meu terapeuta na vista de meu marido – porque as sessões devem ser compartilhadas assim como a guarda tudo deve ser compartilhado mas farinha pouca, meu pirão primeiro. e meu marido quando me ouvisse falando de meus íntimos comichões para um homem estranho ainda que fosse um terapeuta não iria gostar. então dessa vez ele é que iria entrar em uma crise que as revistas femininas de compreensão do sexo masculino chamam de crise de meia idade. e essa crise é ainda mais moderna do que as outras porque funciona assim: o marido chega em casa à noite – na casa que é só dele porque está no regime de separação provisória para o bem da família e do diálogo – e a casa à noite é solitária porque não tem ninguém lá. então ele percorre os cômodos e se constata totalmente sozinho e o chão está também um pouco sujo e a cama está ainda desfeita e há pratos muitos pratos, pratos para lavar e ele senta no sofá e chora. e pensa na mulher e essa mulher sou eu com meus comichões e então ele imediatamente pensa no terapeuta. e jura que pôde perceber na sessão número vinte e sete que o terapeuta olhava para a bunda da mulher – e essa mulher sou eu. e jura que a mulher deve ter falado sobre os comichões – por quê, por que fui eu ter a maldita idéia de falar sobre esses tais comichões! – jura que falou dos comichões por causa do primeiro olhar do terapeuta e lembra que a mulher – e essa mulher sou eu – estava usando uma calça um pouco justa e insinuante e que devia ser pro terapeuta porque eles estão em regime de separação provisória de corpos pro bem do núcleo familiar e do diálogo, pelo que a calça não podia ser para ele o marido. então tem a certeza de que a mulher – e essa mulher sou eu - se insinuou primeiro pro terapeuta que apesar de ser terapeuta é homem. lembra que na

sala dele não há cadeiras mas divãs. então o marido fica confuso e se sente mesmo um corno e lembra ainda que no começo era a mulher – e essa mulher sou eu – falando de sacanagens e de vontades como uma puta, uma verdadeira puta, e que foi isso que começou a crise moderna no casamento moderno deles – e esse casamento é o meu. então a mulher – e essa mulher sou eu – é realmente irrevogavelmente eternamente uma puta. então ele se lembra dos cômodos vazios e da pilha de pratos e dos filhos que devem estar por aí largados sujos cagados com fome e nas mãos de uma puta que só pensa em dar pra qualquer um. então o marido se sente só, e esse marido é o meu. muito muito só. mas ele não sabe que é solidão acha que é injustiça e abandono. então o marido tem raiva de tudo porque está tudo errado. pensa em procurar o terapeuta com urgência e falar da sua nova crise mas o terapeuta deve estar dormindo assim tão tarde e além do mais o terapeuta é o homem que queria a sua mulher-puta emprestada pra fazer umas coisas com ela de filme pornô provavelmente. então o marido de novo se sente só. mais só ainda quando pensa que as coisas pornôs terapeuta/homem mulher/puta nunca foram feitas ele/marido mulher/puta. e é mesmo uma grande injustiça um absurdo e ele é mais corno ainda porque a mulher – e essa mulher sou eu – guardou as melhores sacanagens pro terapeuta e não pra ele. sente irremediavelmente uma vontade de fazer sacanagens muitas muitas e muitas e então o marido – e esse marido é o meu – o marido sai da casa vazia e suja e da sua vida provisoriamente separada e suja e vai para a rua e na rua o marido acha uma mulher, e essa mulher é uma puta. essa é a crise do marido e a crise da mulher – e essa mulher sou eu.

disso já conheço um pouco oh sim sim eu conheço pois meu Marido pavão professor diz aos amigos com bastante alegria que aluna é assim um bicho todo se abrindo. ca ca ca e urros e tapinhas congratulatórios

eu decido realmente não acordar o meu marido e ficar cá sozinha com meus comichões e pensamentos malucos e tão secretos que eu tinha-tenho não sei por quê. e dormir não podia, nem posso, porque fico pensando só pensando pensando pensando sobre as crises modernas que infelizmente não quero ter. penso também sobre isso de dormir e não durmo e se muitas ruguinhas como aquelas ruguinhas de questionamento irão aparecer por conta disso aquela tristeza.

se não posso dormir também não vou acordar. aí fico pensando sobre isso de não acordar.

se eu não vou acordar e também não vou dormir então eu sou o quê?

daí fico pensando sobre isso de eu sou o quê.

no meio da noite é muito calor aqui um calor que me abafa asfixia me impede até o respirar. a onda de calor de tumulto me envolve me circunda o ar se retém fica preso na garganta fica nó. aí eu olho para o lado e vejo o meu marido roncando livre puxando feroz agarrando o ar pelos cabelos com duas grandes mãos mãos proprietárias. meu marido está roncando solto e impunemente. então levanto e vou olhar o quarto dos meninos para ver se eles também estão roncando impunemente e estão. se os inocentes dormem e roncam impunemente se os inocentes são donos legítimos de seus ares então eu sou o quê

culpada

mas culpada de quê. então fico à noite pensando sobre isso de ser assim tão culpada e não durmo nem acordo mas fico sempre pensando.

como não tem ninguém acordado está todo mundo mesmo aí dormindo a sono solto e roncando tanto nossa como ronca esta família e eu já estou assim tão culpada tão errada em tudo e tão responsável eu resolvo sair do quarto dos meninos e ir à janela fumar um cigarro.

sim é isso vou me apoiar na janela e fumar bem fumados uns quantos cigarros vou de camisola vou descabelada sem aviso prévio liberar no mundo um pouco mais de fumaça de poluição deixar que lide o meu corpo com uma dose maciça de nicotina vou ver na rua uns gatos pingados e eles estarão passando lá embaixo cada um com sua noite perdida cada um com sua insônia com suas ruguinhas cada um com os seus cigarros e dentes empretecendo. quererei me jogar daqui de cima me lançar nos meus estranhos me lançar de cabeça no mundo em braços amigos

braços transeuntes;

irmãos que me darão algum calor na madrugada

; eis que procuro nas bolsas procuro em gavetas em esconderijos imaginados e constato: não tenho cigarros. não tenho cigarros porque não fumo. a verdade é que o dia me foi um pouco confuso ou melhor muito muito confuso e a minha cabeça não pára fica só rodando rodando rodando e todo mundo ronca impunemente e

parece até que estão todos em coro em uníssono e isso me vai me dando uma certa irritação na verdade uma irritação enorme como mais uma boca-de-lobo daquelas que eu já senti já vi mas ainda não pisei. e essa boca-de-lobo não é mais uma de silêncio essa é de som e me faz precisar um cigarro que não tenho e nem poderia ter porque eu realmente não fumo. decepcionada e pelo abismo tentada fico na janela debruçada e sou a única na casa que não ronco.

da janela lá embaixo ninguém passa na noite - na madrugada ninguém vive - e eu penso como meu marido filhos vizinhos o mundo também dorme lindo leve cheio de certezas de garantias também dorme impunemente em braços de morpheu em braços bem gordinhos

penso pegar um livro um dos empoeirados que estão lá dentro guardados nas caixas do meu marido e que ele diz já ter lido porque é mesmo muito letrado e muito competente. mas penso o que todos pensariam se me vissem assim de madrugada sentada neste no sofá lendo displicente um livro que não é meu. minhas culpas vão aumentando e eu não sei por que mas tem alguma relação com o cigarro que não tenho e com o livro que não leio e essas culpas são mesmo muito grandes ainda mais porque à minha volta todos são tão anjos e dormem tão celestiais

no entanto apesar dos medos das culpas sou atingida por algo espécie de ousadia - que como o livro o sono o cigarro é uma coisa que não é minha. pego um livro que estava no meio dos outros bem dentro no fundo da caixa como envolto em certa treva

profundeza

e ele está mesmo muito empoeirado. penso tomara que este livro me dê sono e me dê uma impunidade também mesmo que seja um pouco errado eu querer ganhar isso não sei por quê. tomara tomara tomara. então vou poder dormir bem ridente

e bem branquinha.

mas o livro se chama a morte de paula d.

e eu não sei quem é paula d.

nem por que

paula d.

morreu.

e não sei se é bom ler de madrugada alguma coisa

com um nome desses. quando

a gente não quer que alguma coisa aconteça a gente fala

deus me livre.!

daí eu falo e espero e espero e até penso que esqueci

o livro

o título

o sono

os meninos-roncando.

vou fingindo que cochilo inflando meu cochilo minha purpuridão para que eu volte ao meu ser redondo. mas o Marido o sono a noite os meninos roncando eu não esqueci. pior é que eu me sinto estranhamente puxada para o livro como fosse o livro aquela boca-de-lobo de que falei. o deus não me livra.

paula d. morreu.

e eu?

se eu não estou dormindo nem vou poder acordar então é isso então talvez

eu

seja

De manhã

quando todos os que dormiam o sono dos justos abriram os seus olhinhos eu já tinha feito tudo café banho café roupa café tudo. e eu era aquela ereta sentada na beira da cama e o meu marido era aquele que calçava os sapatos

quem é paula d.

o quê paula quem

não sei

mas deveria

deveria por quê

porque paula d. sou eu.

e ele me olha com os olhinhos recém-despertados meio vesguinhos e eu penso então que meu marido é também um pouco fofo e por isso meu marido talvez seja tolo. se ele não entende as coisas quando as coisas são tão simples. e vorazes. porque ele insiste na pergunta e quer que eu responda finalmente a uma pergunta e quando eu respondo ele não entende a minha resposta e apenas me olha com os olhinhos recém-acordados tão vesguinhos e ainda tão impunemente e sem nenhuma glória – eu não sei por que falei glória mas glória é bonito e voracidade é bonito como é lindo devora como é lindo voraz. glória é glória e talvez eu sinta um pouquinho de glória e essa glória seja justo a de eu ser eu, paula d.

e ele pega e fala da escola de novo a educação ortodoxa e de novo os nossos filhos pobres filhos que com oito seis cinco estão tão iletrados ainda e ele insiste na escola e fala que a escola é boa mas como eu não lhe estou falando nada, apenas muda e centrada em mim, paula d., e ele continua falando e falando enquanto abotoa as suas abotoaduras eu digo-penso e de repente eu apenas sei que ele está falando é para si mesmo não pra mim e parece bem feliz com isso bem importante. mesmo assim eu intrusa no papo resolvo interrompê-lo porque julguei importante eu paula d. julguei importante interrompê-lo quando ele falou de novo aquilo sobre obrigar poder de família e tal

mas eu não gosto de que de obrigar. eu também não queria ir à escola

mas ia

é ia.

e ia porque alguém obrigou

não ninguém obrigou apenas diziam que era pecado e então eu ficava com medo de morrer de cair numa boca-de-lobo ou ser pega por algum carro e então eu ia à escola.

e nesse momento no quarto eu sinto novamente que estou correndo em direção à escola e que preciso entrar até as sete e quinze senão o portão fecha e eu não poderei assistir à aula pela qual meu pais pagaram muito muito caro. e o terror de correr é grande porque são sete e treze e faltam duas ruas ainda que curtas é verdade mas duas ruas sempre são duas ruas. e depois de não entrar vejo o bedel ligando pra minha casa e dizendo à minha mãe que eu estou atrasada de novo e isso é inadmissível pelo projeto pedagógico moderno que preza muito muito muito pela disciplina severa a educação das crianças de classe média não pode falhar nunca nunca essas crianças são criadas sem limites devem aprender aqui e agora a respeitar a respeitar tudo professor horários provas carteiras números fichas tabelas a mulher do banheiro. então me vejo sentada no sofá preto do serviço de orientação educacional em frente à coordenadora de disciplina esperando a próxima aula sem poder sair e estou com uma vontade muito muito forte de fazer xixi mas não posso sair e a

mulher tem formulários canetas fichas fichamentos formulários dados muitos dados dados em preenchimento preenchimento constante importante preenchimento e se eu ameaço falar ela me descarta e me olha com cara feia e eu ameacei já duas vezes e não pretendo tentar de novo. e o xixi vai apertando e eu não pretendo tentar de novo. então o sofá vai ficando quente e molhado e eu sou uma indisciplinada típica filha dos meus pais divorciados devo andar largada que nem menina de rua desse jeito não vou ser ninguém na vida ninguém ninguém ninguém vou engravidar do primeiro que aparecer engravidar logo de gêmeos porque as minhas notas na escola não são mesmo muito boas não se poderia realmente esperar alguma coisa que prestasse de mim. e isso quem me diz é a psicóloga graduada psicóloga versada ainda nas teorias pedagógicas nas teorias mais modernas – que venham os salvacionistas amém. e ela me lança o seu verde-olhar complacente e pega um short de outra aluna pra mim no meio das roupas do achados e perdidos e então eu tenho que vestir esse short porque não quero ficar mijada para sempre mijada sem solução daí eu vou e visto. e o short é pequeno e cor-de-rosa e dá pra ver a polpinha da minha bunda da minha bundinha e eu tenho só doze anos e os meus colegas me sacaneiam quando chego na sala me chamam de carla perez daí eu choro porque fazem fiu fiu também esses moleques indisciplinados moleques moleques malcriados largados na certa filhos de pais separados (ou então apenas filhos.)

meu marido me olha com uma cara estranha como se eu fosse doida e fala já tem dez minutos que você está aí calada olhando pro tempo olhando pra parede e a parede é branca o que é que foi você está diferente hoje acordou diferente eu digo não não acordei - mas tenho a impressão de que meus próprios olhinhos estão assim meio vidrados meio muito abertos porque os tento fechar mas não posso eles estão secos muito secos sem nenhum visgo sem

nenhuma lagrimazinha. então talvez por isso o meu marido me olhe assim bem tanto. ele fala ora é claro que você acordou se não acordasse não estaria aí sentada com essa cara de pateta

não não acordei

o que é que você tem

eu nada

diz logo te conheço você tá com um ar novo um ar que você não tem

é o que acontece quando a gente não acorda

ahn?

nada.

e que história é essa de paula d.

nada.

ah.

você já vai sair já tá na hora você aí sentada

não não vou tenho umas petições umas coisas vou ficar em casa quando sair por favor feche bata a porta quero ficar em paz quero olhar bem pra essas paredes esses móveis quero ver como são de verdade as coisas as coisas paradas

e ele se volta súbito pra mim me vê com os olhos arregalados e eu paula d. acabo deixando sair escapulir um pensamento

será que a gente renunciou

a quê

não sei, a alguma coisa.

se a gente não sabe responder é porque não renunciou a nada, ou então apenas a algo de pouquíssima importância

ou talvez a gente tenha renunciado a algo enorme que de tão enorme não cabe na nossa cabeça, aí não podemos saber, e então sentimos um buraco lá dentro um buraco que é fundo e que às vezes dói porque um vazio sempre é o sinal da falta de alguma coisa

a falta de alguma coisa é o nada.

não, a falta é como um vazio que se enchesse.

e ele sai meio enfurecido mas antes fala você endoidou ficou biruta que papo é esse é fique mesmo em casa tome uns comprimidos seja você mesma faça uns chás cuide das crianças leia algumas daquelas revistas femininas vá arrumar esse cabelo as unhas o guarda-roupa veja um pouco a televisão mude se quiser os móveis de lugar pare de pensar dizer bobagem compre talvez aquele pretinho básico

e eu sinto que o quarto vazio ficou mais cheio então deito na cama e durmo.

mas não consegui roncar impunemente porque sinto que a impunidade pra mim está um pouco longe.

nessa leve sonolência estado de dormência sonho algumas imagens bonitas são imagens de paisagens de campos de flores de lugares onde eu nunca estive parecem europeus parecem casinhas camponesas feitas de biscoito ah não, é na verdade uma igreja sim sei que é uma igreja pois sou eu que estou entrando escalando irrompendo as escadas e pareço meio perdida estou assim com um ar meio pateta boboca uma cara deslumbrada e triste de mamãomacho epa epa que sonho é esse e que enjôo é esse parece que tenho um feto ou um vazio enorme no estômago sim é isso e o meu deslumbre é porque tenho fome quero muito preciso comida e me vou mordendo mastigando primeiro os dedinhos da mão direita depois os da esquerda

quando acabo a fome continua

e parto pro braço minha carne é succulenta mordo as partes mais gordinhas mais fofinhas que sempre escondi nos vestidos e calcinhas de lycra e ora ora! não é que me comendo devorando estou feliz sim estou feliz vou sorrindo sorrindo sorrindo uma luz púrpura me alumia em sinal de aprovação

fico vaidosa com o espetáculo

vou comendo mais e mais aos poucos estou aos pedaços. os convivas – sim há convivas – os convivas se assustam não entendem o porquê acham que enlouqueci querem me injetar calmantes mas me sinto tão bem de repente estou plena estou viva minha carne adocicada me seduz me deixa doida e se eu não sinto dor é porque talvez eu seja isso talvez eu seja então essa fome. não não, não esta seringa por favor m

ouço meus filhos lá fora me chamando eles me gritam mas eu não vou hoje não definitivamente não vou

pequenos tiranos hoje eu é que não saio deste quarto.

mas é o mais novo que está gritando.

mas eu não vou.

gritando.
não vou.

hoje já disse eu paula d. quero olhar bem essas paredes os móveis
ver direito como são as coisas paradas longe de mim os seres
móveis seres vadios medrosos fugitivos escorregadios que se
esquivam se privam se fingem de tácteis longe de mim os seres
palhaços os medos disformes os espíritos santos as máscaras
mundanas dos seres que precisam

ave ave longe de mim vão de retro espíritos santos me deixem aqui
me deixem aqui em paz sozinha sendo

uma pessoa

pelamor me deixem sendo

longe de mim o que não seja ar fluindo jorro jorrando seiva de fruta
cara encarando dente mordendo língua lambendo dedo pegando
vento ventando a palavra se dando o fluxo horror a dor
acontecendo

longe de mim o que não seja prontidão

e eu gostava Amoim do que você gostava

gostava do cheiro da escola das crianças

passava na frente pra trazer sorver beber bem bebido aquele cheiro

cadê Amoim cadê aquele bem cheiro aquele cheiro cheio

você bebeu aquele cheiro

sim eu bebi sim eu confesso

e me enjoou porque era muito e eu não posso mais agora aqueles cheiros coisas perfumadas nenhuma eu confesso agora, vou logo confessando agora que estou em camadas, que sou uma cebola, que sou transparente, que sou partes pedaços pontas pingantes pontas cadentes agora que sou a boneca de meu marido eu, paula d. confesso que já quis fazer muitas vezes isto que estou fazendo agora. sim senhor perante o teu governo Amoim eu confesso. de prontidão eu levanto meus pés são firmes pés que tocam que sentem o chão e o chão eu piso mas não é o chão que me sustenta

o que mais eu confesso confesso que já quis muito muito ser aquele corpo aquele pus aquele excreto de que ninguém gostasse.

jesus o que eu digo que diabo ando dizendo cadê as salve-rainhas cadê cadê cadê as rodas os cantos as pequenas salvações oh deus oh deus

cadê as bonituras da vida belezinhas geométricas

confesso que tudo me cansa tem um quê de enfadonho os filmes
que vejo as pequenas canções os lamentos todos e também as
alegrias

também as alegrias

sim principalmente

com as alegrias eu sinto que fujo da desgraça

oh não oh não seja por favor bem certa como seria uma real
pessoa: que bom que bom que é fugir e abandonar a desgraça

não posso Amoim eu não posso não posso mais eu acho

logo você sempre tão rotunda capaz de alegrias de facilidades bem
capaz da vida boa vida menor

sim logo eu que tinha tantas tantas alegrias que parecia uma
abelhinha dourada zumbindo ao redor do mundo pululante

oh Amoim me devolva por favor as comodidades

me tira daqui deste quarto eu não sei se agüento o tamanho deste
quarto

você sabe que aqui está presa ainda que não te tenha ninguém
trancado

sim eu sei

então não me peça pra te devolver a chave que é sua a chave que eu sei você não quer além do medo há a .liberdade

.

sim senhor eu confesso.

perante o teu governo eu confesso oh eu confesso que quero que pretendo que preciso que no fundo eu sempre persegui a desgraça no fundo do meu sorrisinho e da minha belezinha perfeitinha de salão por trás de todas as minhas palavras dos meus sentimentosinhos de plástico eu preciso eu quero eu como a desgraça

eu paula d.

eu Amoim

confesso também que já quis muito mesmo abandonar meus três filhos oito seis cinco quando

quando eles nasceram, e depois. depois quando

só depois. sim senhor eu confesso. confesso que já quis deixá-los uma vez no supermercado e duas vezes no parque e três na creche e outras tantas e tantas vezes por aí nas curvas do tempo

oh não não nas curvas enganosas perniciosas perigosas sinuosas curvas do tempo!!!

mas sim eu confesso nesta aleluia nesta aleluia estranha errada eu confesso

eles estavam chorando muito esses filhos a quem pari estavam chorando muito pareciam desgovernados e todo aquele volume me

foi dando um desespero me foi dando também solidões impotências abandonos me foi dando ainda raiva porque eu ali não podia fazer nada as crianças eram gralhas megafones declarados insolentes que não se iriam deixar parar tampouco me dizer por que chorar choravam. minha cabeça foi doendo ficando miúda. e eu achava que quem sabe ó quem sabe isso desculpasse isso do meu desespero. eles berravam e eu só pensava como eu tão pequena como eu tão eu pude ter logo tantos filhos não parecia isso possível diante do meu minúsculo corpo corpo indefeso assim atacado. e analisando as coisas tão logicamente raciocínio preto no branco sem a interferência do tal coração isso não me parecia realmente possível e se era impossível é porque com certeza aqueles filhos não eram meus. não não eram meus eram de outro talvez até mesmo filhos do supermercado. então queria abandoná-los e achava que talvez a minha culpa fosse menor muito menor pelo menos eu estava sofrendo sim eu estava sofrendo o atenuante redentor o importante sofrendo

e vinha o marido o padre o pai e diziam fica, mulher, com teus filhos saíram de ti não sentiste as dores todas as dores do parto? Não abriste as pernas bem

abertas arca com todos os teus filhos abraça agüenta atura tuas crias não cometas tu também o pecado mas diziam isso dentro na minha cabeça, não fora. e era alta tão alta a voz deles vinha em vozes e em relâmpagos misturados quase abafava a voz das crianças e então eu pedia muito muito perdão e dizia: amém. e ficava contentinha e ficava bem mamãe bem virgem maria e pegava meus filhinhos e fazia bilubilu meus filhinhos do supermercado botava em sacos levava pra casa e eram tão bonitinhos tão tão inocentes as criancinhas eu sou mesmo uma criminosa sim, eu sou mesmo uma grandessíssima criminosa por querer aquilo aquilo

que nem ousou repetir ai ai ai.

nessa prontidão levanto e vou sentindo devagar sentindo as madeiras das coisas as vagens das carolinas os grânulos as lisuras os poros os ferros as facas afiadas também vou consumindo o tempo de todos estes móveis meus dedos vão comendo da parede as irregularidades as falhas os carocinhos brancos todos os erros que ninguém viu

sim senhor eu como estes erros como fossem aquela boa e velha desgraça desejadas fezes

pela janela do quarto aberta entra uma corrente de vento e é um ventinho bem frio um ventinho ufe ufe ufe que vem dando uma refrescância em tudo. e eu paula d. acho subitamente que devo analisar agora melhor essas coisas de mãe e essas coisas de filho. não eu meu marido o padre o pai mas sim eu paula d. então eu vou e de repente penso no meu corpinho e é pequeno esse corpinho esse corpinho de mulher e ele - olha só! - ele também é capaz de ter os seus raciociniosinhos. eu acho. porque eu acho que é isso que está acontecendo: a minha cabecinha tão bonitinha com os meus cabelinhos está tendo um lindo lindo raciociniosinho

aí eu fico bem quietinha e tenho uma idéia estranha parece com uma certeza não uma certezinha mas uma certeza certeza: eu tão pequena não posso ter tido logo tantos filhos não é isso possível diante do meu minúsculo corpo um corpo indefeso assim atacado não posso não posso além disso do meu tamanho de corpo eu sempre tive essa coisa esse ar essa tal

prontidão

essa lama mesmo oculta

essas coisas de filhos não acontecem à gente como um calombo uma espinha uma verruga que nascesse não, paula d.

então é isso eu não tenho filhos nem oito nem seis nem cinco. hoje eu sei e ainda bem que me tranquei aqui no quarto porque só assim eu poderia saber o tanto que sei hoje. sim esses filhos não são meus, paula d. esses filhos são de outra mulher uma mulher parideira uma mulher com ancas capazes de expulsar uns quantos filhos um corpo capaz de alojá-los para depois desalojá-los uma mulher dadivosa violada de si mesma e da qual pendiam ora cabeças ora ombros ora cabeças e ombros grandes que dela despencavam-se, dela essa mulher - mas essa mulher é outra não sou eu, paula d.! essa mulher é uma árvore com muitos filhos germinando como brotos brotos acontecidos brotos irresponsáveis assim por nascer mas que nascem, sempre nascem porque são brotos irrevogáveis brotos eternos brotos bem brotos e donos seus.

e penso: nem sequer se parecem comigo esses filhos: de noite dormem e roncam impunemente e quando querem conseguem perfeitamente fechar os olhos. essa idéia de que as três bocas berrantes não são minhas toma agora conta de mim não como o velho lampejo não como a ideiazinha covarde mas me toma de tal forma que se torna uma certeza uma força totalmente incapaz de sumir de apagar-se de morrer. e hoje essa certeza sou eu, eu não sabia, mas sei. tenho uma vontade estranha uma certa vontade de

chorar de gritar de arrebentar as vidraças e - olha só! - é a minha primeira graúda forçazinha.

agora aqui trancada no quarto abandono os filhos de outra mulher, uns quantos filhos desconhecidos absurdos uns filhos errados talvez nem mesmo sejam filhos talvez sejam apenas embalagens embalagens de filhos de criancinhas embalagens embaladinhas. três certas coisas postas aqui para que eu finalmente constatasse que morri eu paula d. morri eu paula d. sou meus próprios filhos sou meu pai e minha mãe e minha irmã eu paula d.: eu existi. sim senhor eu confesso eu paula d. brasileira casada residente e domiciliada no ventre de minha mãe eu deveria ainda existir mas não existo. eu paula d. sou capaz de mim sou capaz do que está LÁ e me olha de cima e de fora – quem sabe seja até capaz de decifrar alguma coisa algum querer aquela tristeza.

e acho por algum motivo que devo fazer deste momento um ato solene. deve ter algum marco alguma coisa que institua que tatue que nasça este instante que declare reverente a minha morte

queria depositar um ramalhete uma flor nalguma lápide que seria então a minha. mas no meu quarto não há flores adereços naturais há artifícios sim artifícios alguns enfeites alguns plásticos bijuterias um pouquinho de faz-de-conta um pouquinho de paraísos certas nuvens azuladas de algodão-doce bolotas de jasmim o cheiro mas um cheiro encovado cheiro de armário de guardado naftalina então de repente eu sei:

a flor morta repousa.

eu penso tal frase assim de graça e ela me fica martelando a cabeça batendo batendo batendo impiedosa é uma voz que me grita é um raio é um murro

é um cordão umbilical que se rompesse.

a flor morta repousa.

é um vidro, e quebrado esse vidro? uma fruta

esmagada caída do pomar, uma romã? eu deito na cama e a cama adormece sobre mim. eu me sonho eu me macero, eu penso? e então a flor morta repousa. sou a morta sou a flor. repouso? sou a morta sou a flor. repouso? sou a morta sou a flor

o passado a gente leva no sapato.

aqueles meninos aquelas crianças estão batendo bem forte na porta do meu quarto e chorando de novo e gritando mamãe! mas esse grito é claro me causa uma grande surpresa e eu solene apumada cheia de circunstância vou e digo

estou morta.

se alguém perguntar podem dizer que a mamãe morreu trancada no quarto a mamãe morreu bem lindamente e bem fofa porque a mamãe simplesmente não consegue fechar os olhos. não adianta gritar não adianta chorar não adianta nada porque a mamãe

morreu – dá-se um jeito em tudo menos na morte. podem dizer isso.

toda flor morta repousa em solo quente.

vão ser órfãos felizes vão pular por aí como bambis e anarquizar a casa toda e vão ter um pouco de .liberdade. vão saltitar e saltitar e fazer cocô em tudo e ter finalmente alguma emoção bem vasta. algum sentimento que (nisso de emoção bem vasta eu já estou respirando muito rapidinho e ofegante e as palavras me saem da boca com certo estranhamento. então eu fico parada e vou só suspirando. suspirando. suspirando.)

é porque foi assim foi meio involuntária a minha vida você poderia até dizer que eu sou uma mulher de antigamente mas eu não sou - sou uma mulher de hoje e eu sou-era boba eu sou-era uma mulher de agora eu sou-era verdadeiramente imbecilóide eu sinto mas ainda não sei direito por quê – vou saber? e eu sinto que isto tudo esta onda esta embolada esta (lucidez!?!) este buraco tudo tudo está associado a uma coisa louca uma outra coisa louca e bem linda e bem grandona.

esta coisa bem louca e grandona me traga se alimenta de mim. eu cresço esta coisa eu a torno assim tão imensa tão exuberante é a minha carne que ela come meu peito minhas coxas minha bunda ela come a minha carne suculenta tenra vermelha carne novíça carne de virgem. quanto mais esta coisa me mastiga mas me ofereço deitada nesta cama que foi-é minha e enquanto eu deito neste mundo que possuo em suas cada-fibra neste mundo velho

mundo descorado eu repouso. uma folha aberta num livro de colorir. sou partes pedaços frações quadrículos espaçados sou torta sou tragédia. sou a amplidão da coisa fresca. porque meu nome eu ganhei hoje. e isto é louco e lindo e grande e me dá uma alegria estufadinha e essa alegria não é somente a de ter um verdadeiro nome é realmente a alegria de

eu continuo pensando e ruminando ruminando e meus miolinhos de uma hora pra outra se dão conta que se meu nome eu ganhei hoje então antes eu era o quê

. mas foi assim um dia ele o marido me disse mais ou menos isso olha como você é bonita como tem pernas e como essas pernas são grossas. mal cabem em você. e eu fiquei lisonjeira fiquei até muito feliz porque me diziam sempre que eu devia ser essa pessoa que tem pernas e pernas bonitas e todas as outras coisas também bonitas eu deveria me cuidar como um jasmim uma flor de que se gostasse e ficar mesmo bonequinha bibelô nada nada de rasgadas peças rasgadas roupas e principalmente nada de suja solidão.

ficar sem surpresas mas ficar sempre linda sempre eu muito muito mesmo eu jóia perfumada pedra rara uma equação primária que se resolvesse. e se quisesse até me engomar me passar me derreter me esticar podia porque a vaidade você sabe é natural e é uma coisa mesmo refrescante que na mulher enobrece como sorrisos branquinhos invariavelmente enobrecem.

aí eu gostava dos olhinhos dele olhinhos apertadinhos me olhando assim um tanto

embasbacado rendido e dizendo pra mim certas coisas coisas que acho que meu ouvido nasceu mesmo para ouvir porque dava um fresquinho. sabe que quando eu lhe vi as duas pernas e lhe vi também a bundinha pensei que era paixão mas não era, era outra coisa. e o que era? era. e então eu também achei que era. e colava o nome dele em todos os meus caderninhos perfumados ricos caderninhos caderninhos róseos plúmbeos muito lindos que minha avó me dava chamava-se agenda feminina vinha com cadeados cadeados douradinhos e pequeninos pra guardar bastantes códigos bastantes segredinhos das meninas e todas as coisinhas bonitas enfeitadinhas que realmente importavam ajudavam a construir aquele mundinho cor-de-rosa aquele modelinho importado de sonho os objetivos da vida e eu ali colava dos bombons os papéis e das cartas os selinhos e dos bilhetes os bilhetinhos e também os presentinhos outros eu guardava assim pertinho do peito guardava e guardava e guardava tão fundo tão fundo como um primeiro patrimônio bens felizes bens de festinha bens tão lindinhos fofinhos tão tão tão esperados a paixão realização completa o amor bonito amor meu futuro lindo futuro ilustre honesto futuro esperado.

eu tão nova estava já completa perfeita e acabada havia conseguido o sonho geral final de roliúde e gostava até da invejinha – ah da invejinha eu gostava – porque todos achavam que eu era mesmo muito rica por ter olhinhos assim tão apertados e tão devotos nos meus e eu achava que por ser tão bonita e tão cuidadosinha e aplicadinha e por ter sempre feito tudo tão certinho eu merecia um pouco tanta tanta felicidade um mundo tão só meu eu tinha mesmo um sonho um sonho bem realizado para mim faltava muito pouco faltava o que alguma coisa alguma coisa bem cristã e bem bonita.

então faltava a família porque

um dia eu tive vários filhos filhos que não podem realmente ser meus. talvez sejam filhos dele pois que eu saiba ele não morreu como eu morri, paula d. ele está bem vivinho e bem papaizinho e quer educar a sua bonita prolezinha em escolas escolinhas coloridas verdejantes em pequenos talhados aquários.

com seus tanticos olhinhos ele pedia abre vai abre só um pouquinho pra mim me deixa ver um pouquinho eu prometo que não toco não faço nada sequer respiro eu prometo que sequer respiro abre abre por favor e eu abri. mas abri mesmo bem abertinho porque ora essa eu não era então aquilo eu não era então tão bonitinha tão completa tão feliz? (e não era também aquele comichãozinho aquela brasa por dentro ardendo secretinha?) talvez deus não me brigasse porque ora essa não era isso o que queriam de mim? então eu vi que era pra isso ser assim tão bonitinha perfumada engomadinha roupinha certinha da moda roupinha bonitinha apertadinha – se não, pra quê?

então ele viu e falou nossa que gostosinha você é que quentinha você deve ser que quentinha que bom ai que gostoso deixa só os peitinhos só vou beijar um pouquinho não tem problema porque meu beijo é amor. um dia minha barriga cresceu e cresceu e aí a gente foi vendo que tinha uma família família já feitinha - eu não era mesmo aquela familiazinha? familiazinha que eu paula d. não posso ter. eu brasileira casada residente e domiciliada no ventre de minha mãe.

mas não é só por isso que não tenho esses filhos é porque

o menino lá fora grita e chora, diz que estão lhe batendo os outros dois e os outros dois são realmente nervosos eu sei mas eu não vou. eu paula d. sou surda e sou sã. prefiro ligar a tv para ver os programinhas – pra ver um pouco a vida você sabe ver a solução das coisas todas as caras felizes.

ligo a tv e a mulher loira fala coisas que não posso entender é uma linguagem nova um dialeto no qual as palavras-coisa se entortam e se enrolam e se derretem de sentido. e parece que lhe saem ao invés de palavras borboletas da boca borboletas tão felizes e displicentes e despreocupadas e amarelas tão de bem com a vida essas borboletas modernas até parecem mesmo flores, grandes flores, e eu tenho a impressão de que de algum lugar já conheço essas borboletas. e elas vão voando e voando e voando e voando e alcançam o céu o grande céu vastíssimo céu da televisão e provam que são realmente borboletas grandes borboletas voadoras e leves e com muito muito mesmo potencial borboletas responsáveis e conscientes de seu trabalho, difícil trabalho de serem tão borboletas e tão lindinhas e tão importantes.

e a moça loira vai falando falando falando e o seu programa se enche de seres voadores e a tela fica de vez toda amarela mas aí eu acho que fiquei um pouco confusa porque amarelo era o cabelo da moça loira e ela ainda está lá bem visível apesar da tela apesar das borboletas apesar de tudo a moça loira não vai desaparecer mesmo que se encha toda de borboletas borboletas os cabelos borboletas os bolsos borboletas a boca vermelha cheia de batom, ainda que lhe soprem pelas ventas pela vagina pelos poros pelo umbigo borboletas colossais, a moça loira é um

fantasma que não se vai apagar. continuará falando e falando propagando borboletas. tive então uma idéia louca uma idéia nova que me nasceu, de que a moça loira é uma hipnose e as borboletas são os seus agentes seus truques mais baratos voando assim daquele jeito de asas tão abertas asas translúcidas finas finas pintadinhas de amarelo vão encantando a gente nossos olhos bobos nossa boca sempre aberta vão encantando encantando encantando mas pra quê? se meu marido estivesse aqui eu poderia lhe dizer não sei. as borboletas vão voando para dentro da gente, por isso somem. então as pessoas ficam cheias cheinhas preenchidas por borboletas tão lindas tão voadoras sim ficam. e então elas podem dormir impunemente é podem dormir bem pesadinhas bem confortáveis bem apagadinhas e podem roncar também, em unísono.

mesmo assim com tantas borboletas e elfos e seres voadores e lindos eu ainda sinto vontade de alguma coisa viva e visceral alguma coisa que talvez eu tive mas não tenho.

eu paula d. quero sentir algo menos borboleta

resolvo escrever uma carta uma carta ao meu marido afinal é sempre bom pôr as coisas em ordem dizer logo preto-no-branco não, não, nada de falsas declarações vamos consagrar sim a Verdade esta entidade este ser tão lindo e importante

então eu começo

Querido Marido. você não me conhece. não são meus os seus filhos. cuidado com a televisão e com as crianças. cuidado com a porta do quarto a fechadura e principalmente cuidado com a chave. cuidado cuidado cuidado. cuidado com as borboletas-vespas e com as

mariposas também, as viúvinhas. mas cuidado com o cuidado porque eu vi no telejornal que hoje já fazem roupas à prova de balas para quem resolve ter tanto cuidado roupas assim para atirarem nelas confeccionadas com muita classe por grandes estilistas e essas roupas são a

essência daquela outra, você sabe, o pretinho básico do nosso verão brasileiro. por falar nisso hoje foi-é noite-manhã e eu esqueci infelizmente de comprar o meu, não cometa você também este mesmo erro. estar sem roupa é estar nu. estar nu não pertence à sua educação ortodoxa. seus filhos lá fora estavam gritando mas já se acalmaram porque finalmente perceberam que não são filhos. talvez já tenham morrido como eu, paula d. caso contrário, por favor, leve-os daqui leve-os desta casa quero muito ficar só. venha só você de vez em quando para me acalmar os comichões. se não quiser mande um de seus amigos. ou vários. ou todos. tenho muitos muitos comichões que você não conhece nunca viu e que não, não são-eram seus. peço que venha retirá-las daqui o quanto antes – as crianças -, já não as posso agüentar elas são tantas e tão imensas quando choram e gritam se multiplicam e à noite dormem como você dormem leves e impunemente e propagam borboletas achando que isso é o ar.

fim.

pensando bem, acho difícil que elas – as crianças – tenham morrido como eu paula d. mas elas podem ter morrido morrido porque lá de fora ouço o silêncio absoluto. mas isso não está dentro da carta, está fora. ouço um pouquinho de breu e penso: é realmente se

podem ter morrido as crianças daquela mulher se já não choram. ou talvez se estejam espancando longamente lindamente tirando sangue bem sangue dos narizes recíprocos flanando umas sobre as outras não como borboletas mas vespas e arpões incrédulas da não-interrupção e tenham decidido fazer tudo isso em silêncio como me pagassem de volta o presente que lhes dei o presente da .liberdade. talvez esses filhinhos sejam mesmo bonzinhos e com as suas cabeçolinhas tenham pensado vamos agradecer àquela mulher não-nossa mãe lhes dando um pouco do seu agora precioso silêncio porque se ela se fechou lá e se ela está tão ela tão morta tão firmezinha é porque nossa voz já não era mais tão silêncio. talvez agora sejam livres esses pequenos, talvez sejam mais livres do que eu e do que os olhinhos apertados se já estão cheios do próprio silêncio e respirando o próprio silêncio encharcados entupidos os pulmõezinhos de puro silêncio e maciça amplidão. talvez já tenham eles caído em umas boas bocas-de-lobo bocas infantis bocas que enormemente se abrem e grandemente se fecham para receberem as criancinhas ó vinde a mim vinde a mim eu um grande sexo enorme ereto enorme molhado túrgido sedento vinde a mim vinde vinde sem cessar derretam-se em mim criancinhas me amem.

penso que deve ser muito muito triste ser uma criança ou um marido ou uma mãe avó tia tio pai. que deve ser mesmo muito absurdo ser alguém ou ser a moça loira ou ser só uma borboleta de asas finas e de cor amarela que o vento leva bota e tira de bocas.

mas eu sou paula d.

brasileira, solt casada,

sou-era também um pouco advogada porque estudei muito muito muito mesmo era o que faziam as pessoas que passavam alguns aninhos a mais na escola. e daí por eu ser-era isso agora me buscam as pessoas chamadas clientes para resolver os seus

pequeninhas problemas as suas questões com a lei e coisas assim – às vezes são questões com elas mesmas questões guardadas lá dentro como aquele bolo insolúvel

aí eu lembro que porque sou-era meio advogada tinha umas petições a fazer que não faço. porque eu paula d. já não posso ser mais nada estou muito ocupada estou cheia de umas coisas aqui dentro que não sei bem o que são mas são com certeza umas subjetividades. estou entupida de morte. como qualquer um pode ver estou realmente muito cercada de sérias atribuições que envolvem decidir coisas muito importantezinhas coisas que envolvem a plenitude de eu ser eu, paula d.

mas aí – ora ora que surpresa! são tantas tantas as minhas surpresinhas! - mas aí tenho mais um raciocíniozinho que envolve as petições e é o de fazê-las de um jeito novo de um jeito que nunca fiz e que me parece realmente ser muito muito-muito meu e também muito melhor mais sincero esse jeito de peticionar é mesmo o futuro o grande futuro guiado pelos bons princípios - eternos princípios – que envolvem a humanidade a solução das coisas todas o ir direto ao ponto e eu, paula d., gosto de ir direto ao ponto como se elevasse um célere fugaz balãozinho.

então pego e penso: e se eu comesse a peticionar ao contrário se comesse logo pelo pedido? aí o Senhor Juiz já saberia logo o pedido e somente depois por curiosidade ou por tédio leria os fatos e o desenrolar da querela e quando quisesse uma energiazinha poderia então se enervar porque quase sempre a querela é uma besteira floreada que enerva mas como primeiro virá o pedido então eu logo peço: eu quero que o Senhor decida. escrevo isso e

assim peço e é somente isso a minha petição e eu acho que já está mais do que bom, porque fiz logo a exigência máxima que é querer de alguém que esse alguém decida

mas sei que vai ser tudo indeferido sem piedade e que o juiz antes mesmo de olhar vai negar porque pedir isso a uma pessoa é pedir muito é pedir mais do que a própria pessoa tem pra dar mas mesmo assim eu vou e peço

eu quero que o Senhor decida.

e narro brevemente os fatos as controvérsias porque o Senhor Juiz pode por acaso sentir falta deles e resolvo acrescentar um novo pedaço ao final apenas por consideração e por achar que o Senhor Juiz é uma verdadeira pessoa uma pessoinha ainda que juiz ele é alguém e esse alguém é uma pessoa e se é assim deve então ter sentimentos muitos muitos bastantes sentimentos todas as sensações inesgotáveis de ser uma pessoa. então para fazer um bom patrocínio eu vou e apelo para essa pessoa. e minha petição ficou mesmo bem bonita ficou verniz puro verniz brilhoso brilho estupor condensado quase glíter purpurina

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ DE DIREITO DA _____
VARA CÍVEL DESTA COMARCA ENFADONHA

EU QUERO, PRECISO - COMO AR -, QUE O SENHOR DECIDA!!

(bla bla bla)

Tal situação já dura dez dias, período penoso para o Autor, que, não vendo mais possibilidades de resolver extrajudicialmente a sua querela, vem a este Juízo em defesa de seus direitos.

Observe, Excelência, que o Autor, sempre impelido pela boa-fé e ciente dos já tão atribulados caminhos do Judiciário, apenas recorre a este em última instância, premido pelo desespero, qual um órfão infante, sem pai, meu Deus, sem pai, sem mãe também! Pobre filho do infortúnio! Ó, honrado Magistrado, que paira acima de qualquer suspeita malsã, que paira sobre todos nós, apenas Vossa Excelência, com seus célebres preceitos, poderá tomar em seus braços esta criança molestada, atormentada, e dizer: venha, filho, de regresso ao teu ninho, ao que te é de direito: eu te guardo!

Nestes Termos,

Pede (e espera e espera e espera e esp) Deferimento.

e eu rio disso de pedidos súplicas rogações de meus ex-irmãos cônjuges advogados e rio também das pessoas do mundo porque súbito percebi que estão todos sempre pedindo, essas pessoas vivas do mundo. e a deus pedem e ao juiz pedem ao chefe pedem ao governo pedem a si mesmos pedem e aos pais pedem deferimento sempre pedem por causa da tal educação ortodoxa. e licença pedem e por favor pedem e me deixa pegar pedem imploram e aumento pedem imploram pedem pra mijar pra cagar pra beber água e podem pedir também alguns safados favores, sacanagenzinhas. o homem rogando sempre rogando rogando às vezes tão tão tão bonito rogando tão iluminado rogando ao céu favores benefícios pelos sacrifícios de ser assim alguém retinho. as mãos do homem espalmadas juntinhas fazendo clap se grudando de súplica se grudando de suor e de ave maria ave ave suas bundinhas rosinhas bem rosinhas viradas para cima abertas ao sol implorando

implorandinhas pelas sacrossantas três letrinhas que resumem o imenso poder poder absurdo boca voraz da verdadeira engrenagem que move o mundo, as eternas gargantas que ditam o sim.

rio também daquilo de guardar os filhotinhos e penso pobres coitados pobres dos que têm filhos e dos que têm de guardar sempre os filhos e guardar e cultivar como plantinhas as pequenas uvas as minúsculas cerejas as frágeis amorinhas os pequenos ouriços as pequenas responsabilidades. e mais pobres ainda aqueles que precisam ser constantemente guardados e enfrascados e emprateirados reais filhos de louça de supermercado em coloridos saquinhos. pobres pobres pobres e pobre ainda o Senhor Juiz que é um senhor e é um juiz e eu querendo assim urgentemente peremptória que ele se decida. e pobres os que precisam de uma piedade de ter e guardar e cuidar e cultivar as pequenas pequeninas e campestres uvinhas. pobres dos lobos que não têm bocas. e também das borboletinhas que têm todas as boquinhas bem abertinhas boquinhas que as recebem tão bem a estas borboletinhas, boquinhas indecentes tão escancaradas. e pobres ainda dos gritinhos e dos uivinhos – mas eu não sei direito por que pensei isso dos gritinhos e dos uivinhos. pobres pobres pobrezinhos. um dia defendi um cidadão - sim sim verdadeiro registrado legítimo cidadão com todas as fotópicas carteirinhas - um dia defendi um cidadão e cheia de verdade pensei: alguém certamente havia caluniado este cidadão porque num belo dia ele foi detido sem ter feito mal algum. ora ora se ele tinha todas as suas preciosas identidades. mas hoje já não penso mais isso penso que talvez ele tivesse sim uma culpa alguma culpa inapagável quem sabe ora ora não seria então a sua grande Verdade essa rude detenção. quem sabe quem sabe quem sabe

então eu paro um pouco de ser assim tão pensante porque minha cabeça lateja e eu estou também um pouco ofegantezinha. paro para ficar pelo menos cinco minutos de cabeça vazia branca branca fora do ar mas – oh – mas eis que não consigo.

não, não mais consigo.

daí não acredito, porque vejam só, eu sempre sempre consegui – na verdade era muito mais fácil não pensar em nada que não fossem guarda-sóis e nuvens engraçadas e campos verdejantes esbanjando margaridinhas. na verdade não pensar era a condição natural de fuga de medo de sanidade eterna condição de sossego condição de paz

os dias passavam me afagando a cara

e olhar para a polpa de uma romã aberta, escancarada, nada mais era do que olhar para a polpa de uma romã aberta, escancarada, um prelúdio de comer essa romã - fruta cúmplice amante de bocas

mas agora essa romã se a mim oferece como um

pequeno pecado uma traiçõzinha a sua delícia me é pura frivolidade é um beijo no rosto um mero mimosinho quando na verdade eu preciso desejo realmente o suco a saliva toda a viscosidade terrível da saliva nua

e vejo o passado os meus alegres dias dias de sol de relva de bombons de suculentos manjares escurecendo, escurecendo, até que nada vai restando que não betume. então eu vou e sem querer penso: como diabos por que diabos vim eu tão eu tão retinha parar nesse betume nesse fosso? nessa crueza de ver

atada amarrada a um título a uma verdade finalmente desnudada
EU PAULA D. em frente a um espelho sem poder fugir desviar
retroceder não consigo apenas parar de ver o mundo e bonitinha e
ignorando simplesmente ignorando tamanho nó passar lindamente
a pensar em nada.

ficaram pretas as minhas romãs os meus algodõezinhos as minhas
nuvens os meus vestidos de baile as minhas unhas tão esmaltadas
a minha pele a minha boca as minhas folhas mais verdinhas os
meus perfumes minhas coxas grossas a minha bundinha roliça meus
cabelos tratados meus papéisofício (formato A-4) a minha cor do
mundo minha roupa de cama a minha acolhedora bocetinha o meu
som ficou preto ficaram pretos os meus cinco olhos de piscina.

meu jesus jeová deus meu santíssimo nossa senhora o santinho a
santinha tá tudo tão preto aqui embaixo tá tudo do lobo tão a boca
a boquinha

aí não sei por que lembro do dia em que cheguei
em casa cansada tinha trabalhado o dia todo rodado
pra cima e pra baixo e finalmente era a hora esperada
do dia a santa hora de me livrar dos belos bonitos
dos sempre nobres sapatos.

mas eu sentia que bem eu sentia que embora fosse a hora ainda
não era hora não não eu ainda precisava muito deles
definitivamente mas pra que eu precisava tanto pra que por que é
que eu não podia não conseguia arrancá-los atirá-los matar logo
aqueles dois malditos torturantes humilhantes sapatos

e impotente dura e má me sentei no sofá e deixei doer meus pés
fui apertando pisando um no outro até me arderem os dedos e o
bico fino o salto ficar de uma cor avermelhada e nesse dia sim
nesse dia eu sofri

ah sim nesse dia eu sofri

eu não chorei de dor chorei porque até que enfim eu sofri até que
enfim eu senti alguma coisa até que enfim eu tinha uma dor uma
dor que era só minha eu feita de gesso de cor pastel de
amenidades papel de parede florzinha campestre sentia finalmente
alguma coisa que

e relaxei as duas pernas deixei cair dissolver o corpo todo e então
tirei bem feliz os sapatos saltos apertados os bicos finos. e foi a
maior alegria que tinha tido na minha vida sim foi meu grande
júbilo meu primeiro orgulho

e na hora eu pensei: orgulho.

até que mirei as feridas e as minhas unhas da pedicura e vi um
fiozinho de sangue que se desprendia um fio vermelho que eu
tirava de mim para o mundo - a minha oferendazinha - e hoje eu
vou e penso que talvez tenha sido por isso

por esse fio de sangue

pelo meu pequeno orgulho

o sacrifício a alegriazinha talvez more aí a minha boca-de-lobo todo
o betume essa .liberdade

neste instante lá fora eu ouço um toc toc toc e sei
que esse toc vem de onde antes ficava a bela cozinha
o cômodo-teflon enceradinho. parece que é alguém

batendo na porta da rua e esse alguém também não é de dentro é da rua e eu penso que bobo bater assim na porta da rua de alguém sem antes tocar a campainha. mas aí esse alguém toca e toca e toca e eu acho de repente que toca há muitos e muitos anos e que toca tanto assim porque as crianças estão de novo chorando e gritando e se batendo um pouquinho. e esse alguém deve estar mesmo muito indignado porque ao que parece já é realmente

demasiado tarde e as criancinhas aí sozinhas devem estar tão famintas mijadinhas machucadinhas até cagadinhas. parece que não se pode deixar as criancinhas assim largadinhas porque elas podem fazer algo de errado algo quem sabe até eterno e eu concordo porque parece haver pelo menos uma lei uma lei universal que não quer que nenhuma criancinha viva morra pelo menos aquelas que têm algum dinheirinho não elas quero dizer os senhores seus pais.

poderia até concordar com isso de lei universal das crianças vivinhas que nem lépidos frangotinhos mas eu paula d. penso serem um pouco incomodativas as criancinhas às vezes e não as acho assim tão tão tão fofinhas e purinhas e bondosinhas só por serem criancinhas. penso que elas são como bichinhos e que todos nós somos como bichinhos e que bichinhos podem realmente morrer ou não. e depois são os primeiros que tombam os frangotinhos: sua carne é macia comemos bem gostoso no almoço da família e fazemos nham nham nham.

mas parece que as mães acham aquilo mais do que os pais aquilo de não poderem morrer as criancinhas vivas porque fora algumas a maioria das mães é que resolve preservar os ditos bichinhos do mundo de tudo de toda a maldade ofensiva maldade maldade cristã

e no começo eles são mais indefesos ainda porque não têm anticorpos são molinhos e até com os papais deve-se ficar bem bem bem atento porque os papais podem ser como coelhos

e é mesmo grande pesado isso de ser mãe porque a ela cumpre tudo cabe tudo eterna pagadora zeladora palmatória do mundo abnegado ser reprodutora senhora e escrava

algumas delas entram em tamanho choque que não podendo botar pra dentro de novo botam o filhinho pra fora, mas dessa vez pra fora do mundo eternamente e o nome disso é um crime um dos crimes que são mesmo muito graves muito sérios como um outro que também é dos crimes enormes mais enorme até do que alguém pegar e garguelar na rua um velhinho doente ou então cortar em quinze ou dezesseis pedaços uma parca mulherzinha ou roubar a roupa comida merenda do povo o dinheirinho dos aposentados a dignidade da gente esses crimes são mesmo muito muito sérios esses dos senhores pais contra as senhoras criancinhas quer dizer das senhoras mães contra as senhorinhas sim os Grandes Crimes Maternos a Grande Perdição Do Mundo Devassidão

.liberdade

deve ser por isso que esse o alguém está tão indignado batendo à porta porque eu sou-era-fui uma senhora mãe antes de eu ser eu, paula d. é com certeza por isso, porque pensa só que coisa horrível que coisa mesmo medonha alguém não suportar os próprios filhos recusá-los cortar o cordão negar tão inocentes bebezinhos! pensa pensa pensa como é terrível isso essa falta de espírito de alma de coração essa falta de humanidade completa ausência de virtudes dos deveres mínimos de uma cidadã modesta cidadã brasileira uma falta seriamente

imperdoável inescusável insanável não vai ter
bondade futura e bem linda que chegue para apagar
essa tragédia do descaso da mãe senhora mãe senhora
madre maria madre madre senhora virgem enorme
enormíssima santa santidade grandiosa
incomensurável

gloriosa

que não pode cair em bocas-de-lobo

não, não pode cair em bocas-de-lobo

nem desejar uma ou outra boca se essa boca for de lobo não de
borboletinha

e poxa como estão batendo e gritando e agora já não gritam só as
criancinhas. gritam e se acumulam lá fora alguns cícosos adultos e
batem muito muito mesmo deveria ser falta de educação glup
alguém bater tanto assim em alheia portinha afinal de contas ora
merda

parece até reunião de condomínio pois estão alguns vizinhos todos
juntos mancomunados em busca da melhor solução a melhor
solução cristã de salvar as criancinhas daquela mamãezinha
descuidada desleixada assassina pobre puta mamãezinha
mamãezinha endiabrada mulherzinha desprezível vagabundinha de
quinta salafrária piranhinha vaca cachorra cadela vil pestilenta
pessoa meretriz nojenta onde já se viu mulher assim ruim sem
coração eu bem sabia

é eu também

eu tinha certeza

mas eu sabia mais, logo vi que aquilo nunca iria dar o que prestasse aquele olhar de cínica

aquele jeito sonso

aquele andar de galinha se oferecendo pelos cantos dando a quem quisesse a leprosa só pode!

deixou os filhos e foi pra rua arrumar homem gastar o dinheiro do marido

pobre marido!!!!!!

tomara que ela morra

é tomara que ela morra que queime numa fogueira que arda no inferno nas vermelhas mãos do satanás

e eu fico chocada porque poxa aqueles filhinhos oito seis cinco ouvindo isso essas palavras de baixo calão essa imundície a raiva com que xingam aquela mulher em pleno santuário daquela mulher-esta

eu paula d. não faria isso definitivamente jamais faria isso é contra os meus princípios a minha moral falar assim tão alto uns nomes desses perto das criancinhas inocentes bebezinhos seus ouvidos violentados pela boa intenção a salvação os vizinhos. xingos assim não são borboletinhas - são vespinhas marimbondos são morcegos - e eu vou ficando um pouco menos eu um pouco assim letárgica um pouco mesmo triste decepcionada

porque é um absurdo é errado ora merda

fere na gente os sentimentos os brios

me dá vontade até de ir lá fora perguntar o que têm essas pessoas esses vizinhos se não tomaram café da manhã ou o quê.

então vou e penso eu esses uns lá fora eu briguenta eu pequena eu forte visceral tentando dar um pouco de modos a esses uns. tivesse eu uma arma seria mais fácil só os tiros a esmo - aliás mirados bem mirados na boca bela boca na boca no esgoto de cada um

perguntar a quantas andam as florezinhas os jardinzinhos as belezinhas e as borboletinhas deles perguntar se por acaso deixaram de assistir àquele jornal matinal tão bonito.

(não não não!! não esses uns sem os seus brancos dentifrícios e os sofás fofinhos coloridos!)

perguntar se estão com muitos comichõezinhos e coceirinhas e por isso mesmo não podem descansar. perguntar por que não se comportam como gente como indivíduos cidadãos cientes ciosos e se por acaso não conhecem a tal da educação ortodoxa de valores que ensina as pessoas a terem alguns modos e se não conhecem também a religião – ora merda que proíbe certas palavras certos pensamentos.

e também se a solidão é muito feia porque poxa eu realmente não a acho tão feia tão assim odiosa pelo contrário é bem bela bem fresquinha bem produtiva também porque acende na cabecinha da gente umas luzinhas umas lampadinhas uns lumes apagados. a solidão assim da morte é linda e se antes eu soubesse disso teria ficado com bem menos medo do escuro porque é mesmo muito essa solidão é escurecer. só não é borboletinha porque não voa não hipnotiza não se pinta de amarelo pelo contrário é arredia se

esconde e foge

olha para a sua cara e cospe

e deixa a gente assim sem conseguir

sem conseguir o quê

sair dela sair santo sair são

e eu penso então na sanidade e choro umas lágrimas que não consigo

e eu penso vou me perder vou me perder agarra a

minha mão mãe não solta

me esconde o precipício

mas a minha mão a minha mãe eu não consigo

e choro desenfreada e longamente me estertoram essas lágrimas e também eu canto com uma voz que eu não sei eu não consigo

a pouca voz embargada golfada destituída

esgarçada e minha

se essa rua se essa rua fosse minha eu mandava eu mandava
ladrilhar com pedrinhas com pedrinhas de brilhantes para o meu
para o meu amor passar

e eu piso bem firme os meus dois pés nos ladrilhos e eles são pés
de chão pés de chão que eu não consigo

e olho pela janela e há lá na rua pessoas e eu procuro outras
pessoas dentro dessas pessoas e dentro destas outras pessoas e as
pessoas são intermináveis sempre emanando assim de dentro de si

como pode

o quê

eu ser todo o mundo

o mundo vivo, as pedras de sal

os tabletes

eu ser a fotografia antiga que um amante guardou na última gaveta
trancada

eu ser o barro dessa fotografia

em mim a imagem escancarada

eu, paula d., brasileira, casada,

residente e domiciliada no ventre eterno de minha mãe.

sinto da sanidade a mão o braço o corpo todo os nós
dos cabelos a polpa dos dedos dos pés. penso: estou
suja e estou só

: estou suja e estou só.

eu estou.

e digo e grito para fora: eu estou.

isso me confere uns júbilos. eu estou. isso me dá umas alegrias,
alegrias tristes de solidão triste, alegrias

e eu tomo então para mim alguma coisa. tomo para mim alguma
coisa primeira e definitiva e essa coisa é

assim como meus vizinhos estou entupida de

palavras, minha boca se enche de saliva meus poros incham meu
peito vai arfando. estou cheia de palavras de combate de sílabas
tortas munição farpas esporas

encouraçados

tremo grito sibilo as cordas vocais

pútridos

micróbios, microbiontes fezes seres

quanto mais falo mais quero dizer mais quero que ouçam que
saibam

micróbios, acéfalos, proscritos fezes seres

PLATÉIAS DE CASAMENTO

nisso me perco um pouco percebo que minha boca a mim se
adianta fala mais que posso que planejo propõe palavras sentenças
guardadas esquecidas não sei onde frases escondidas que nunca fui
buscar mas que no entanto são

sim sim sim

tudo conspira me vem acaba num grandessíssimo SIM tudo sou eu só eu paula d. - estou entupida de morte entupida de mim e de minhas palavras doces palavras que são como jades pontas nobres de pedras raras.

fora de mim mosquitinhos idiotices platéias de casamento

meus vizinhos me fazem lembrar um bonito episódio um realmente primoroso episódio epopéia ah que festa que festinha que festona que iupi iupi que alegrezinho – e não era mesmo, alegrezinho? – que montinho de algodão-doce de verdemar doce seiva ensolarada festa fezes fedentina pelo chão copos pratos papéis festividades pisadas pelo chão excrementos ah que iupi iupi que felicidade torta

bonito vestido cauda longa bonitos também os das madrinhas parentes daminhas os fraques as flores luzes – quantas e quantas! – muito bom gosto parece das oito a novela até a batina brilha que nobre é o padre a batina brilha ao redor alumia parecendo ouro

quero usar o cabelo solto muito solto neles flores muitas flores

mas cabelo solto não fica bem noiva tem que ter coque

fico com cara de mamão-macho de coque

noiva tem que ter coque

ah que lindo o meu arranjo de cabelo meu coque minha cara de mamão-macho as costuras douradas da minha roupa combinam com do padre a batina que lindos até os calores que aquilo me dava aqueles lindos e caros calores que eu nunca mais vou ter vou sentir vou usar calores impagáveis irrepetíveis

noiva tem que ter coque vamos vamos amarrar esse cabelo

e meu corpinho tão magrinho sem comer há dois dias por conselho das amigas da mamãezinha pra entrar todinha na roupa sem nem sombra de gordura de fartura de nada cinturinha de pilão eu mesmo um violãozinho e na sacristia com um tapinha na bunda eu ouvi

espera só a gente chegar em casa vou te mostrar o que é bom as estrelas

eu pensando na fome na festa no cansaço na fome na roupa no cheiro de suor na fome nas minhas pernas doendo nos belos sapatos apertados na fome no bonito vestido todo amassado eu pensando pensando parada olhando a moldura do espelho e espantada como dentro não tinha nada. mas tava pensando não só nisso e sim em outras coisas muito melhores mais importantes – eu não sabia ao menos pareceram importantes porque eu pensava esquisito eu pensava

caminhar pra quê, caminhar

numa reta cega

cega até o altar

era uma cantilena isso e eu cantava baixinho, me escapava da boca, cantava

os que entravam e saíam me perguntavam o que é isso e eu dizia:
música popular

e ouvia ah ah ah que bonito bonita música e num
instante fulano já conhecia cicrano também beltrano
arrematava o resto ainda dizia que sabia a letra era
um pagode que tinha ouvido agora há pouco na rádio
e ontem na tv no programinha

e na minha cabeça martelava caminhar pra quê caminhar...

como robô fui caminhando e na porta da igreja me foi dando um
enjôo minha cara ficou branca amarela fiz que ia vomitar mas
vomitar o quê e quando me dei conta que não tinha o que então
parei. parei também porque achei um absurdo ora essa cadê essa
tal minha felicidade momentos mágicos espera da vida inteira da
mulher cadê cadê cadê cadê aquele segredinho aquela coisa toda
que me espera as soluções cadê POR FAVOR as soluções o grande
final deve estar por aqui em algum lugar escondido ou então o
perdi falta reencontrar cadê o milagre prometido cadê cadê cadê e
ao que eu perguntava me respondia apenas o enjôo de novo enjôo
recorrente aquele bolo todo me escalando a garganta

mas enjôo de quê

então me lembrei: estou há dois dias sem comer

preciso comida alimento cadê o alimento

estão lá fora há mesas cheias esperando tão somente a
consumação o sim solene para o sagrado sacríssimo canônico
matrimônio. os convivas estes sim encheriam por aí suas
barriguinhas no entanto eu aqui passando fome sempre passando

fome eles encheriam as barriguinhas como eu também poderia tão logo proferisse o sim

sim sim tão logo proferisse bem ridente o sim

impetada de fúria de uma raivinha cega constante plúrima partida esmagadora inexplicada fui percorrendo a via cruxis meu caminho vermelho e na ponta me aguardava ele o dos olhinhos apertados estava era bem gordinho bem alimentado com as bochechinhas bastante rosadas sorrzinho mãozinhas suadas tão quentinhas as veias entupidas cheias de sangue cabelinho partido de lado. agora eu revejo esse momento e penso: ridículo parece uma jacazinha mas na hora eu só pensei amor bonito amor então é aqui que se esconde a felicidade milagre prometido momento mágico bem lindo lindo ainda mais quando eu sair daqui e comer umas coisinhas canapés jantares

FLASH

sim honrá-lo respeitá-lo saúde e doença até que a morte nos separe amém.

proféticas palavras essas da boca do padre quem diria

é mesmo quem diria até que a morte nos separe.

aí ao som dos tocs e dos trins e das vozes muitas vozes – acho que chamaram bombeiros polícia as instituições civis e militares - eu ouço outro som um de dentro e esse sonzinho é a minha cabeça a

minha agora tão afamada desejada cabeça me dizendo de uma outra coisa que eu vi quando liguei um dia desses a televisão para ver um pouco a vida você sabe ver a solução das coisas todas as caras felizes. aconteceu que eu liguei e não era o pretinho básico não era uma florzinha bem bonita nem um jardimzinho era mais uma senhora mãe em discórdia com o seu filhinho e ela tinha feito umas coisas com ele tinha jogado em algum lugar esse filhinho e ele tão bebezinho e foi tão triste. e então queriam entrevistar ela porque ela estava numa delegacia e então ela deu a entrevista e não mentiu e eu vi um brilhinho do olho dela quando ela falou que o filhinho era uma merda e que aquela merda não era sua. então ficaram todos muito tristes muito horrorizados porque ela falou aquilo do filhinho depois de ter jogado ele lá e eu também fiquei bem bem triste bem horrorizada até chorei, perdi duas ou cinco lagriminhas. e ela enfurecida insistia que o filhinho não era seu e eu pensei assim nem sei por que naquele dia naquela hora pensei assim mas pensei pensei que o filhinho não podia ser apenas dela tinha que ser também de uma outra pessoa chamada senhor pai e cadê então que ninguém pergunta cadê o senhor pai desse filhinho e diante dessa minha interrogação me respondeu apenas o silêncio. não o silêncio bom e cheio que eu gosto mas um outro seco mudo estúpido esgotado. e o público ministério ia acusar essa mamãe entre outras coisas de abandono do seu filhinho porque é isso que tem na lei e até a moça loira estava mesmo muito consternada. aí me veio de novo na cabeça aquela pergunta que fiz antes e dessa vez veio e veio e veio e ficou martelando e não parou parecia uma coceirinha

e eu perguntei ao meu Senhor Marido cadê o pai desse filhinho e ele disse pra quê tem ele o que a ver com isso e eu falei ah.

e assim ele não me respondeu onde é que estava o pai daquele filhinho e diante dessa minha interrogação novamente me respondeu apenas o silêncio, eterno silêncio, irrevogável, que me engolia

mas não como uma boca-de-lobo e sim como uma
outra coisa que eu não sei o que

então eu fiquei muito triste e horrorizada e também muito chocada
com aquela senhora mãe e seus atos espúrios e mudei de canal
para relaxar para ver um pouco a vida você sabe ver a solução das
coisas todas as caras felizes

mas acho que até hoje talvez eu esteja lá dentro

dentro daquele silêncio

lá fora nesse tempinho também mora uma ausência e eu não
entendo essa ausência cadê todos cadê as vozes de choro cadê as
vazes de fúria

penso que a mim talvez também me acuse o público ministério

mas isso realmente não me preocupa eu paula d. fico só parada
respirando para sair de minha cabeça e localizar aquelas vozinhas

e elas vêm e primeiro são pequenininhas e depois são grandes. e
agora é somente a voz daqueles uns platéias de casamento porque
os filhinhos já estão calados caladinhos. se eu fosse a sua mãe
ficaria talvez um pouco preocupada porque sumindo as vozes é
como sumissem os filhinhos

mas surge o pequeno à porta e ele diz choroso mamãe não morre
mamãezinha não morre não morre

eu posso ouvir uns solucinhos e então eu sinto por esse filhinho uma coisa que eu não sei, porque nunca senti. é um quentinho no peito uma vontade talvez de abraçar essa pessoa pequena esse microbiozinho esse pedaço de alguma mulher que se despregou e nem as dores do parto que ela sentiu foram tão fortes e nem as outras dores da vida dela foram tão fortes e nenhuma vontade tão intensa quanto essa vontade desse filhinho

mas para quê?

para que o alento da força crua a redenção o carinho final o fingido remorso a límpida redenção para que a dolorosa piedade o arrependimento eficaz a bela purificação o não-é-nada-disso-filho-passou eu-nãomorri-estou-aqui-sempre-estou mamãe-te-ama a gloriosa redenção para que todos os mágicos miúdos confortinhos e esperadas virtudes

MAMÃE MAMÃEZINHA TEM PENA DE TI E
TEM RAIVA PORQUE TU NÃO APRENDESTES
AINDA A LIBERDADE TU ÉS UMA
BORBOLETINHA UMA FLORZINHA UM
CAQUI. TU ÉS FILHO DE TEUS VIZINHOS,
MAMÃE NÃO MAIS TE PODE, NÃO ENTENDES?

de nada vai adiantar eu abrir essa porta porque eu realmente não tenho nunca tive aqueles filhos eu paula d. ainda que eu esteja aqui e eles também

e ainda que eu volte, e eles também

ainda que eu saia de banho tomado cabelo lavado muito esmaltada
perfumada limpa reflecta alegando enxaqueca a minha boca se
fechou está fechada

ESTOU MORTA.

e depois de alguns minutos de meu bom silêncio desiste o pequeno
desiste enfim! de ressuscitar defunto enterrado. e se eu digo que
desiste é porque se calou completamente parou todos os maçantes
choramingsos

quando ele se afasta da porta diviso bem a voz da menina mais
velha aquela anã criança que mais parecia uma senhorinha aquela
pequena menina segundo o Senhor Marido entupida de moral e
desprovida de natureza e ela diz estúpido ela diz criança besta ela
diz bebê chorão será que você não percebe não vê que a mamãe
não vai abrir a porta é capaz de ela estar mesmo morta ter tomado
algum veneno como a moça da novela que morreu de amor

- sim filhinha isso mesmo, pequena senhorinha, a mamãe morreu
de amor um amor fofinho como um princípio

não não a mamãe tá lá dentro tá viva só não vai

abrir porque não gosta de você das suas brincadeiras

nada disso é de você que ela não gosta pois você é bebê menino
bobo está sempre chiando choramingando

as criancinhas então se batem porque ouço os
tombos os tapas e os choros fortes ouço ainda coisas
de louça se partindo talvez tenham se empolgado e
estejam exercitando de uma vez todos os fôlegos
ferozes da infância e nisso uma mulher grita ai meu
deus ai meu deus precisamos entrar as crianças são
uns bichos também só podia são mal educadas estão
enfurecidas vão se matar

alguém tem o telefone dele o do trabalho

não ninguém

não é possível talvez o síndico tenha talvez o dono do apartamento
e essa mulher descarada fazendo anarquia em apartamento
alugado ainda pois é

eu fico sem saber neste momento se saio daqui ou se permaneço
nesta tentativa até agora infecunda de concentração plena de
atingir o cerne de mim – eu paula d. se usarem o telefone é
provável que em pouco tempo retorne ao lar o Senhor Marido se
não estiver bem no meio de alguma coisa realmente importante.
caso ele retorne venha pôr um fim nesta balbúrdia terei de –
novamente – encará-lo com meus olhinhos arregalados e secos sem
nenhuma lagriminha porque ele tem a chave da rua bem como a
necessária força de arrombar esta minha porta. e ficará com certeza
um pouco atordoado tentando percorrer as minhas muitas novas
sinuosidades tentando achar nisto tudo um princípio com sua tanta
razão mas não irá conseguir, nem quando lhe entregar
pessoalmente minha bonita cartinha.

daí falará que não tomei os comprimidinhos nem arrumei o cabelo nem comprei o lindo vestidinho básico que ele mui prestimoso sugeriu e ficará mesmo mui desapontado trístico. mas não terei olhos para o Senhor Marido apenas para mim eu paula d. não ligarei a mínima para a sua tão justa tristeza o seu desacerto porque eu mesma paula d. sou enorme de tristezas e desacertos ainda mais enormes. sim, daí talvez eu ria escarneça da sua carinha gordinha e rindo eu diga saia daqui, não te conheço.

meus olhos sempre arregalados e sequinhos adquirirão nesse instante também um grau de desprezo ou maldade tão vasta que até os olhinhos apertados vesguinhos do Senhor Marido conseguirão distinguir. e essa maldade será linda porque reduzirá certamente toda a força bruta de ser enfim uma pessoa. mas talvez me custe essa maldade um ou dois doloridos tapinhas. estalarão nas minhas bochechas como um vidro se partisse. depois se desculpará o Senhor Marido dirá que subiu nele uma coisa e eu lhe direi sim lhe subiu uma coisa porque você Senhor Marido você ainda que não tenha realmente percebido e ainda que não lhe seja muito do feitio você é na essência

lá bem dentro na sua plana moradia

uma real pessoa. e tem por isso suas violenciuzinhas tradicionais como esta de me arremessar na cara uns doídos e furiosos tapinhas. mas nem assim te perdôo Senhor Marido simplesmente porque você é toda essa vergonha e toda ela agora não posso aceitar sobretudo porque eu sei que não posso te olhar na cara e dizer vem, me ajuda a abraçar toda esta solidão que nasceu comigo. soma aos meus os seus braços. me dá até câimbras pensar em você e no estômago umas contorçõezinhas. toda essa ampla vergonha da coisa crua. e o seu precisado perdão também me dá

contorçõezinhas. bem como essa tremenda insuperável mania de organização: cada coisa no seu devido lugar não não não nenhum objetozinho pérfido será deslocado. você e seus vizinhos sofrem dessa doença sabe antigamente eu poderia até entender mas eu paula d. curada recuperada definitivamente não posso não agüento. porque eu paula d. acho que são belos muito belos os pequenos objetos deslocados as coisas todas mutantes fora de rota sacudindo dedos em riste. as jacazinhas porém não são belas quando caem assim sorradeiras em uma mortal cabeça. e o desconcerto é mesmo muito belo pois é estupefata criação. então acho mesmo é que vou vomitar Senhor Marido mas primeiro venha cá se aproxime chegue perto que eu quero vomitar na verdade em você

me abre bem essa sua boca bem boca rosadinha.

e assim pensando naquele que talvez chegue que talvez retorne ao seu já arruinado lar para salvar a pátria assim devaneando tão eufórica e rapidinho eu vou sentindo uma pressão bem forte na nuca e tudo vai se misturando na minha cabeça as palavras os xingos e principalmente aquelas pessoas que gritam e que choram porque gritam e choram e xingam em volumes absurdos para os meus sensíveis ouvidinhos. e me doem essas pessoas que gritam e que choram porque eu bem sei – ah, bem sei – que a morte é coisa que dói e chego a enfiar a chave na fechadura mas não a rodo porque vou e penso ora merda sair por quê pra quê vai ser como a insônia que na última hora desiste e dorme. vai ser como uma borracha enorme por cima de mim por cima de tudo mas com a pequena diferença de que eu já não estou aqui e isso não se poderá jamais apagar para isso por isso não será possível àqueles sorrir nem sequer perceber e então eu ficarei enterrada serei enterrada viva e debilitada como algo bem podre que na queda se rompesse.

e ainda penso que eu paula d. nada tenho a tratar

com esses uns nada tenho realmente a dizer ao mundo seria muito engraçada essa conversa todos querendo falar e ninguém interessado em entender mas iriam fazer questão sim fariam QUESTÃO de botar pra fora de despejar em mim toda a sua condenação todo o seu descontentamento porque daquela coisa redonda e fofa fui deformando me reformando me tornando assim tão cheia de quinas cantos

pontinhas e impensáveis ângulos de realidade

tenho a certeza neste momento de que jamais abrirei novamente esta porta.

esta verdade é tão forte e edificante que me deito e rio e choro e sou então talvez um pouco feliz além de forte. agora até consigo não pensar em mais nada e ficar só vendo o branco constatando o branco que há em mim e sentindo essa tal felicidade enfronhada de se ter em si um branco em minhas fibrasmúsculos e em meus cabelinhos e unhazinhas e dedinhos uma tamanha resolução tão calma e tranqüilinha

tão tranqüilinha e reluzente que não agüentarão e dirão

talvez seja mesmo bom um sanatório.

pois sei que infelizmente uma paz não pode durar muito sempre tem tempo certo já nasce dando adeus morrendo em seguida porque isto agora faz parte desta minha edificante condição de ser uma pessoa. eu paula d. e então é uma questão de tempo até alguém talvez ele entrar por aquela porta com ares de herói.

daí todos concordarão sim concordarão com um qualquer sanatório hospital psiquiátrico acharão mesmo ótima a condenação absolutória para o manicômio judiciário e por um instante de agora eu penso que talvez apenas talvez lá eu pudesse vir a aprender conhecer

lá eu pudesse tocar cheirar alguma coisa sentindo a plenitude intocada de ser eu, paula d.

e quem sabe até morder

alguma poesia pois lá me deixariam enfim sozinha enfim em paz

mas o instante é breve porque já sei bem os remédios a prisão os conheço de velho – um dia os suportei mas agora eu paula d. não os suporte

não quero que me vejam numa doença numa desculpa inerte criatura dopada afastada em definitivo de si impedida de ser

não não mereço não quero não seria isso enfim

Compreender.

se eu fosse e topasse e abrisse essa porta e para não ser enterrada viva não me desculpasse e para então ser eu a minha suposta coisa-toda topasse uma carinha de louca umas babas gestos incongruentes seria essa a loucura

sim loucura

e a loucura não concorda comigo, paula d.

bras, solt, casad

subiram os panos. e agora - penso eu – pisoteio as marcas dos meus passos deixadas nos ladrilhos. agora eu me consigo? fiquei eu no centro. logo eu a quem eram tão graves e valiosas todas as coxias – mas fiquei sim fiquei – eu no centro do palco. não tenho eu sei as manobras de uma dançarina colorida. neste centro neste palco sou incolor indolor

sou da cor do cheiro do ranço das coisas

sou de tudo o quanto é viscoso e chumbo.

haverá alguém capaz?

quero que saibam que sintam que se lambuzem inteiros que provem a coisa crua quero que me saibam

enfim, que me saibam

que comam o que venha de mim sem os temperinhos todos as malditas maldições as pimentinhas os azeites vinagres os pozinhos as mínimas azeitonas do dia

como eu fosse uma cereja, verdade insuportável

eu toda vermelha flamejante

os poros entupidos de açúcar moldada em belezas e

oses sim eu toda cereja moldada em artificialidades de repente impalatável

sim IMPALATÁVEL.

haverá alguém capaz Amoim haverá alguém capaz?

preciso na pele esse gosto gosto da ausência da cereja

o velho artifício vermelho

confeitado

enfrento aberta e vazia uma janela a velha janela que eu nunca
ousei mas agora.

pisoteio para lá e para cá nesta última dança. sempre tempo há, e
esperança, e .liberdade.

sempre tempo há - mas eu perdida para trás no tempo

eu perdida definitivamente para trás no tempo há .liberdade? do
pra frente quem me diz, e me dirá?

eu digo e sei que você também sabe que sua .liberdade é

EU SEI AMOIM.

(esse Amoim que é carne e sangue e pó)

e vou e penso e isso é mesmo bem engraçado: Círculo ROTUNDO.
Amoim. rio muito e Amoim então repete irrevogável e com olhos
fundos esse Amoim que é sangue carne pó

sim, ROTUNDO MAIS QUE ROTUNDO. o pai entrará com ares de
herói salvando resgatando beijando as crianças. e mirando a parede

verde feliz eu pensava: círculo ROTUNDO. carregando-as pelos braços ao pescoço enlaçadas – as três, de uma só vez – e os meninos – oh os meninos – estarão assustados coitados com a repentina invasão – trará nos olhos lágrimas a menina - e círculo ROTUNDO era redundante e mais que rotundo era redundante e porque era redundante eu ria. mas ele ainda não ria – ao inverso estava sério muito sério – só me via os olhos e então eis que dispara algo de sua boca uma foice um rojão:

num dia você está em cima no outro dia você está embaixo.

e ainda estarão os três chorando: essa com certeza é a parte que sairá na televisão. SIM É CÍRCULO. eu um enorme cá cá cá. círculo ROTUNDO

Sobre a autora

Brisa Paim nasceu em Salvador no ano de 1982. Publicou contos e poemas em antologias e outros meios, sendo este o seu romance de estreia. É também pesquisadora na área de filosofia do direito, dedicando-se ao estudo do movimento Law and Literature.

"a morte de paula d." foi indicado ao Prêmio São Paulo de Literatura 2010, na categoria de melhor livro do ano escrito por autor estreado.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

brisa paim

“Se alguém cavar um buraco no solo de uma casa,
deverá diante desse buraco ser morto e sepultado”.

Tradução livre de dispositivo
do Código de Hamurábi (aprox. 1.700 a C.)

a morte de paula d.



e
edUFAL

fale
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Pernambuco

brisa paim

a morte de paula d.

